



**BLUMENAU
EM CADERNOS**

TOMO XVIII — N^{os}. 11 e 12

Novembro/Dezembro de 1977

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Conrado Ildefonso Sauer - Rio de Janeiro
Consulado Alemão - Blumenau
Dr. Werner Klein - Cirurgião Dentista - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Elmar Seidelmann - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tipografia Baumgarten Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. - Indústria e Comércio
Garden Terrace Hotel
Casa Flamingo Ltda.
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa
Imobiliária "DL" Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XVIII

Novembro/Dezembro de 1977

Nº. 11

— S U M Á R I O —

	Página
GENEALOGIA — Os Colonizadores do Vale do Itajaí — IV ..	334
“Minha estada na Colônia D ^a . Francisca”	338
Pequena crônica da Comunidade Evangélica de Blumenau ..	339
80 anos de Colonização no Vale do Rio Hercílio	343
LUIZ ALVES — Breve Histórico de um Município Centenário .	344
Curso de pós-graduação na U.F.S.C. é enriquecimento da história de Santa Catarina	349
AGRICULTURA — (Síntese e tradução do italiano pelo Pe. Victor Vicenz) .. .	352
Dois amigos incondicionais de Blumenau na Europa, agrade- cem a remessa de “Blumenau em Cadernos”	356
Os primeiros moradores de Rio dos Cedros	358
Subsídios à Crônica de Blumenau	364
Estante Catarinense — O Barco Naufragado,	367
Boas Festas, Amigos! .. .	369

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Diretor responsável: Honorato Tomelin — Redação: José Gonçalves

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 50,00

Número avulso Cr\$ 5,00 -- Atrasado Cr\$ 10,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 50,00 mais o porte Cr\$ 100,00 total Cr\$ 150,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

GENEALOGIA

JEAN R. RUL

OS COLONIZADORES DO VALE DO ITAJAÍ — IV

Na composição da primeira parte do estudo sobre a família Deschamps, em nossa edição de setembro deste ano, o tipógrafo omitiu uma linha do texto do manuscrito, provocando assim uma mudança completa no sentido de uma frase, e tornando-a totalmente incompreensível. Vamos repetir esta frase, corrigida.

Trata-se do penúltimo parágrafo da p. 272:

"Em Belchior nasceram os dois últimos filhos em 1840 e 1843, ambos batizados EM ITAJAÍ. SABEMOS QUE NICOLAU SENIOR ESTAVA NO VALE DO Itajai em 1838, porque a 20 de setembro daquele ano, faleceu uma de suas filhas, que foi sepultada no cemitério de Itajai e, a 2.11.1838, ele e sua esposa foram padrinhos em Itajai de um neto ali batizado."

FAMÍLIA DESCHAMPS — III

F5 — FREDERICO (FRITZ) DESCHAMPS, 5º. filho de Nicolau e de Catharina Eich 1832 SPA + 28.12.1914 Gaspar, 82 anos, já viuvo.

Casou 24.9.1857 Itajai (sendo testemunhas Pedro Müller e Pedro Palm) com uma filha das primeiras núpcias de seu cunhado, Anna Maria Haendchen, nascida cerca 1833/35 SPA, filha de José Haendchen e de Anna Maria Heinzen (ou Heinz?).

Encontramos duas referências sobre Frederico, a primeira, sua participação à defesa da colônia Blumenau quando do primeiro assalto dos bugres em 1852 (vide História de Blumenau, de José Ferreira da Silva, p. 52). Naquele tempo Frederico era ainda solteiro pois tinha apenas 20 anos e é possível que tenha trabalhado na colônia, como muitos outros colonos de Belchior.

A outra referência se encontra em uma escritura de compra de um terreno de 53 braças de frente por 1.000 de fundos, no distrito Gaspar, entre terrenos de João Deschamps, seu irmão e Luiz Wagner, extremando nos fundos com terras de Jacob Müller. Este terreno foi comprado por Frederico a 27.5.1870, por 300\$000 do Dr. Bernhard Knoblauch, primeiro médico da colônia, e de sua mulher Dorothea Wagner.

O casal Frederico-Anna Maria teve no mínimo 13 filhos, que se-guem sob referência N8 a N20, todos nascidos em Belchior e batizados, o primeiro em Itajai e os outros em Gaspar.

N8 — Pedro Frederico Deschamps 1.3.1858 Belchior, batizado 19.9.1858 Itajai, casou 21.4.1891 Gaspar com Gertrudes Müller

°1869 SPA + 16.8.1913, 44 anos, sepultada Gaspar, filha de Pedro Mathias Müller e de Gertrudes Schoepping. Pais de, no mínimo, 9 filhos:

B9 — Frederico Alberto Deschamps °23.4.1891 + 15.7.1933 Gaspar, 45 anos.

B10 — Arnaldo Pedro Deschamps °19.8.1892 + 9.4.1974 sepultado em Belchior Alto, no mesmo túmulo que seu irmão Eugênio.

B11 — Maria Henriqueta Deschamps °15.4.1894 X 11.11.1914 c/José Junkes.

B12 — Theodor Pedro Deschamps °26.9.1895 X Margarida Müller. Ele faleceu em Gaspar a 7.5.1921, com 26 anos de idade.

B13 — Cecília Maria Deschamps °17.6.1899 batizada em Gaspar.

B14 — Bernardo Deschamps °21.8.1902 + 6.8.1929 Gaspar, casado, nome da esposa desconhecido.

B15 — Eugênio Antonio Deschamps °15.4.1905, sepultado em Belchior Alto no mesmo túmulo que seu irmão Arnaldo, porém não há datas na sepultura .

B16 — Veronica Gertrudes Deschamps °5.6.1908, batizada em Gaspar.

B17 — Paulo Deschamps °1911 + 22.5.1914, 3 anos de idade.

N9 — Antonio Deschamps °3.4.1861, batizado em Gaspar. + 23.11.1917 Gaspar, 56 anos. Casou 27.1.1883 Gaspar com Maria Venandy °30.9.1863 Blumenau, filha de João Venandy e de Maria Rautsch (ou Rausch?). Os Venandy residiam em Itoupava e o pai de Maria era natural de Vianden, no Luxembourg. Temos o falecimento de uma Maria Deschamps a 2.1.1935, viuva, com 72 anos, que poderia se referir à esposa de Antonio. Encontramos apenas 3 filhos do casal:

B18 — Anra Maria Deschamps °8.4.1884, batizada em Gaspar.

B19 — Paulina Deschamps °25.1.1893. Casou 16.9.1911 Gaspar com Pedro Candido do Nascimento, filho de Candido Francisco do Nascimento e de Rosa Santana .

B20 — Carlos A. Deschamps °22.11.1895. Casou 24.1.1920 Gaspar em Evelina Maria Müller °9.11.1897. Ambos sepultados em Gaspar, estando escrito no túmulo dele: °22.11.1896 (erro de um ano) + 25.4.1958, e dela 9.11.1897 + 18.3.1967.

N10 — Nicolau Deschamps foi batizado a 20.4.1863 em Gaspar, sem indicação de data de nascimento. + 25.8.1933 em Gaspar, com 70 anos de idade. Casou 26.11.1888 Gaspar, com Emma Maria Rudolph °1868 Colônia Santa Isabel, SC, filha de Pedro Rudolph e de Maria Carolina Moritz. Pais de, no mínimo, 13 filhos:

B21 — Maria Carolina Deschamps °25.8.1889 + 16.1.1954, sepultada Gaspar e na sepultura consta seu nascimento como sendo 25.8.1891, portanto um erro de 2 anos. Casou 20.4.1912 Gaspar com Pedro Waltrich.

B22 — Bernardo Francisco Deschamps °15.9.1890 + 27.6.1892 Gaspar.

B23 — Honorato Nicolau Deschamps °9.1.1893 + 3.3.1952 Gas-

par, onde está sepultado. Casou com Cecília que faleceu 1.8.1921. Casou em segundas núpcias 30.10.1926 com Regina Kammer. Pais de, no mínimo:

T18 — Antonio Nicolau Deschamps °1927 + 1.10.1935 Gaspar, 8 anos.

B24 — Frederico Guilherme Deschamps °15.4.1894, batizado em Gaspar.

B25 — José Deschamps °10.4.1896, bat. em Gaspar.

B26 — João Deschamps °19.8.1897 + 6.8.1903 Gaspar, 6 anos.

B27 — Gertrud Deschamps °1.4.1899. Casou 21.2.1925 com Henrique Blaese.

B28 — Clara Deschamps (gêmea) °1.4.1899, bat. em Gaspar.

B29 — Margarida Deschamps °18.2.1901. No batizado deram a mãe como sendo Margarida, porém deve ser engano.

B30 — Verena Deschamps °31.7.1902, bat. Gaspar. + 22.3.1961 Blumenau casada com Henrique Blaese °27.2.1890 + 1.1.1968 Blumenau.

B31 — Michael Nicolaus Deschamps °12.7.1904 + 12.2.1906, 19 meses.

B32 — Emilia Luiza Deschamps °23.4.1906, bat. em Gaspar.

B33 — Leopoldo Laurentino Deschamps, batizado 3.10.1903 Gaspar, sem data de nascimento. + 20.1.1909 Gaspar, com informação de que tinha 4 meses de idade.

N11 — Carlos Frederico Deschamps °27.10.1865 + 14.9.1939, dados fornecidos pelos registros paroquiais, enquanto que sua sepultura tem as inscrições de °19.10.1865 + 19.9.1939. Não encontramos assento de casamento nem de filhos, porém no mesmo túmulo consta: Margarida Deschamps °8.3.1881 + 6.1.1968 e poderia tratar-se de sua esposa. Estas duas sepulturas se encontram em Gaspar.

N12 — Amalia Maria Deschamps °17.8.1867 + 21.12.1868 Gaspar, 16 meses.

N13 — Gertrudes Deschamps °27.9.1869 + 18.12.1937 Gaspar, 68 anos, já viuva. Casou 6.2.1894 Gaspar, com João Pedro Müller °1867 SPA, filho de Pedro Mathias Müller e de Gertrudes Schoepping. Ele + 30.9.1934 Gaspar, com 67 anos de idade.

N14 — Margarethe Deschamps °27.9.1869, gêmea de Gertrudes. Encontramos a 16.5.1908 em Gaspar, o batizado de Olga Maria Deschamps (+ 24.5.1908, 14 dias mais tarde), filha natural de uma Margarida Deschamps, sem maiores explicações. Não se sabe se é a mesma Margarida, ou outra.

N15 — José Frederico Deschamps °1871 Gaspar + 30.11.1936, Belchior, 65 anos. Casou 30.12.1905 Gaspar, com Maria Martin °1886, Nova Trento, filha de Francisco Martin e de Merenziana Maria. Não parece ter havido filhos registrados em Gaspar.

N16 — João Alberto Deschamps °6.10.1873 + 10.7.1876, de inflamação da garganta.

N17 — Leopoldo Deschamps °26.3.1875. Casou em Blumenau, onde passou a residir, com Clga Sievert, filha de Julio Sievert e de Frederica Wagner (N43 da genealogia Wagner). Pais de, no mínimo:

B34 — Edith Deschamps °24.6.1919 Blumenau. Casou 8.6.1933 Blumenau, com Alvino Zabel.

N18 — João Deschamps °1877 + — 30.6.1899 Gaspar, 22 anos, solteiro.

N19 — Miguel Deschamps °2.2.1878 + 15.6.1953 Gaspar, onde está sepultado, com a data de nascimento inscrita no túmulo como sendo 2.2.1881, portanto 3 anos de diferença. Casou com Maria Reitz °6.3.1878 (ou 1876?) + 29.5.1953 conforme sepultura em Gaspar, filha de João Peter Reitz e de Anna Theiss. Pais de:

B35 — Maria Deschamps, casada com Ambrosio Theiss, com 4 filhos, em Blumenau

B36 — Valeria Deschamps (Walli), casada com Pedro Hark, 7 filhos em Gaspar.

B37 — Etelvina Deschamps °dezembro 1916 + 24.5.1919, 2 anos e 5 meses.

N20 — Anna Maria Deschamps °5.4.1881. Casou 8.2.1902 Gaspar com João Maria Schramm °28.2.1872 + 7.1.1950 conforme sepultura em Gaspar, filho de João Schramm e de Felicidade Theiss.

F6 — João Deschamps °1834 SPA + 23.6.1889 Gaspar, 55 anos de idade. Casou cerca 1860 Itajai (?) com Amelia Schramm °1840 Alemanha + 11.7.1903 Gaspar, filha de Frederico Guilherme Schramm e de Gertrudes Kemperdick. Pais de no mínimo 10 filhos, que seguem sob referência N21 a N30, todos nascidos em Gaspar ou Belchior:

N21 — José Deschamps °4.4.1861. Casou 9.1.1886 Gaspar, com Anna Hostert °1865 Blumenau, filha de João Hostert e de Isabel Spahn. Só foram encontrados 2 filhos:

B38 — Maria Hubertina Deschamps °7.6.1887

B39 — Catharina Deschamps °12.8.1898 + 17.7.1934 Gaspar, 45 anos, parece ter ficado solteira.

N22 — Maria Gertrudes Deschamps °19.3.1863 + 17.3.1931. Casou com Baltazar Schmitt °11.10.1865 + 30.3.1924. Adquiriram uma sorte de terra em Serafim, município de Luiz Alves, onde estão sepultados.

N23 — João Deschamps °15.1.1865. Casou 22.12.1906 Gaspar, com Gertrudes Maria Zimmermann °23.2.1873 + 13.12.1932, sepultada em Belchior Alto, filha de Pedro Zimmermann e de Gertrudes Kraemer. Muito antes de casar, João e Gertrudes já tiveram um filho e não se sabe porque não casaram naquela época, já que não se tem conhecimento de algum impedimento:

B40 — Maria Cecilia Deschamps °20.1.1891 + 25.4.1954. Casou 5.4.1913 Gaspar com João José Deschamps (N56) °27.9.1885 +

6.8.1944, filho de Luiz Deschamps (F9) e de Maria Wagner. Ambos estão sepultados em Belchior Alto.

N24 — Frederico Roberto Deschamps °17.8.1866. Faltam maiores informações.

N25 — Anna Catharina Deschamps °24.4.1868. Casou 30.8.1890 Gaspar, com Felício Francisco do Nascimento °1866 Itajai filho do já falecido Antonio Francisco do Nascimento e de Floriana Maria.

N26 — Carlos Theodoro Deschamps °9.2.1870, batizado em Blumenau + 29.3.1894, solteiro, 24 anos, afogou-se.

N27 — Isabel Deschamps °1872. Casou 14.1.1893 Gaspar, com Carlos Schmidt °1863 na Colônia Therezopolis, SC, viuvo de Catharina Lanzer, filho do já falecido Carlos Schmidt e de Margarida Maes

N28 — Jacob Deschamps °7.6.1874, batizado 30.6.1874 Gaspar, tendo como padrinhos Jacob Vicente Haendchen e Anna Maria Deschamps. Faltam maiores informações.

N29 — Amalia Cândida Deschamps °1.5.1878. Casou 31.10.1901, Gaspar, com Leopoldo Carlos Wagner °27.6.1866 (N48 da genealogia Wagner) filho de Luiz Wagner e de Maria Emmerich.

N30 — Gertrudes Maria Deschamps °6.5.1880. Casou 27.6.1901 Gaspar, com Pedro Albano Nogueira °1876, filho de Albano João Nogueira e de Maria Florencia.

“Minha estada na Colônia Da. Francisca”

ELLY HERKENHOFF

(continuação)

III — E a seguir uma elucidação importantíssima. Explicando ao leitor alemão o significado do termo português “cachoeira”, o cronista salienta a impetuosidade das águas, ao se lançarem por sobre as pedras existentes um pouco abaixo do porto da colônia, formando ali uma bela cachoeira — a cachoeira que em época anterior, havia dado o nome ao nosso rio, numa época em que o nosso rio ainda levava águas puras, cristalinas...

“Com auxílio da maré”, continua o relato, “alcançamos a colônia após uma hora de viagem.

Naquele dia primeiro de fevereiro, ela ainda apresentava um aspecto bastante rudimentar.

Uma clareira na floresta. À esquerda, no matagal junto ao porto, duas casinhas — a do Sr. Aubé e a de seu jardineiro. Bem ao fundo, duas grandes construções — as casas de alojamento. Duas outras, menores — sendo uma delas a moradia do colono Peter Schneider — eram visíveis mais acima. Cepos de arvores, úmidos atirados ao chão, conduziam através, de uma plantação de arroz e 2 pontilhões às casas de alojamento por entre os quais ser-

peneteira o ribeirão Mathias. Um gracioso jardim, ocupando ambos os lados do ribeirão, indicava o que será possível produzir na colônia: pés de mandioca, de milho, de café, de batata, de banana, de laranja ali se apresentavam num singelo agrupamento. Ao redor, a floresta. Uma crista elevada, campeando por sobre as fraldas da serra, ali está, numa advertência, mostrando o rumo a seguir pela colônia e o futuro esplêndido que espera essas regiões do Brasil, uma vez cultivadas por mãos laboriosas.

Fram poucos ainda os colonos. Apenas duas famílias: Peter Schneider, oriundo da região do Mosela, com a mulher, e um barão sueco, com a mulher e um filho. E a estes viemo-nos jun-

tar — nós dois e o nosso fiel cozinheiro Diego, um negro alforriado, que nos vinha acompanhando desde o Rio”.

É interessante notar que, em todo o seu relato, o cronista não menciona, uma única vez sequer, o nome do engenheiro Gunther, nem mesmo para esclarecer que os dois casais de colonos haviam chegado à colônia, já a 22 de maio de 1850, em companhia do engenheiro. Talvez pelo fato de ter sido de sumariamente demitido do cargo, por incompetência? Ou, quem sabe, por ter ele trazido a Dona Francisca uma companheira, de nome Julie Engell, preceptora e — caso inaudito e gravíssimo! — feminista atuante de Berlim ...

(Continua)

PEQUENA CRÔNICA DA COMUNIDADE EVANGÉLICA DE BLUMENAU

Prefeito Kilian

1879

Logo após a morte do Pastor Oswaldo Hesse, ocorrida em 25 de Novembro de 1879, chega de Brusque, para preencher a vaga existente na Comunidade Evangélica de Blumenau, o Pastor Heinrich Sandreczki. Como ainda tinha compromisso com a comunidade de Brusque, à qual ainda servia, sugeriu êle à diretoria da comunidade de Blumenau, a vinda de mais um pastor, já que a colônia vinha se desenvolvendo cada vez mais para o interior e novos distritos de atendimentos eclesiásticos se formavam.

1883.

Foi êste um ano de muita atividade e agitação nos diversos distritos do interior, onde, ao par de se manifestarem desejos de autonomia e criação de paróquias independentes, havia desentendimentos entre diversos grupos da mesma comuna e divergências destes com o pastor. Houve o desmembramento da comunidade, com a criação e instalação da comunidade evangélica de Badenfurt, que foi a primei-

ra a se retirar da de Blumenau, continuando, porém o Pastor Sandreczki e prestar-lhe os seus serviços. Em Blumenau e Indaial realizam-se várias reuniões no sentido de definir o atendimento regular nas diversas localidades do interior. A cidade de Blumenau é dividida em 8 distritos administrativos.

29 DE JULHO: É inaugurado o novo harmônio da Igreja evangélica de Blumenau. A igreja estava repleta até o último lugar. O instrumento, tocado pelo professor Carl Hertel, tem um som cheio igual ao de um órgão, e corresponde, quanto ao seu volume sonoro, plenamente ao âmbito interior da igreja.

1884

O Governo Imperial suspende o pagamento do ordenado do Pastor evangélico de Blumenau, pelo que a comunidade resolve cobrar taxas pelos serviços eclesiásticos, para manter o pagamento do ordenado do Pastor Sandreczki. A comunidade elabora novos estatutos com a finalidade de tornar-se pessoa jurídica e os envia ao Ministério da Justiça na Côrte Imperial, para a sua aprovação. O Pastor Runte assume as funções de pároco da comunidade de Badenfurt, recém-emancipada e dos distritos a ela filiados.

1885.

10 DE JANEIRO: O Sr. Hackradt envia uma comunicação à comunidade de que os estatutos foram apresentados ao Sr. Ministro, no Rio, em abril do ano anterior. O Sr. Avé Lallemand foi incumbido de escrever ao Deputado Dr. Alfredo Escragrolle Taunay, pedindo-o para providenciar a devolução dos estatutos.

17 DE MAIO: Num levantamento realizado em reunião dos representantes dos 8 distritos eclesiásticos que formam a comunidade evangélica de Blumenau, constata-se que se acham inscritos cerca de 500 famílias como membros contribuintes.

1º. DE NOVEMBRO: Inauguração da Igreja Evangélica de Pomerode, distrito ainda filiado à comunidade de Blumenau e servido regularmente pelo Pastor Sandreczki em suas diversas localidades.

1886

MAIO: Inicia-se uma campanha para coleta de donativos em dinheiro, para a aquisição de um relógio a ser colocado na parte, já prevista, no frontal da igreja evangélica, coleta esta que já no primeiro mês resultou em cerca de 500\$000 reis (quinhentos mil reis).

12 DE DEZEMBRO: Ante a suspensão, por parte do Governo Imperial do pagamento do ordenado do Pastor, a comunidade resolve firmar um contrato com o Pastor Sandreczki, efetivando-o com o ordenado anual de dois contos e duzentos mil reis (2:200\$000 rs.) cabendo à comunidade de Blumenau a contribuir com 1:200\$000 e o distrito de Indaial, que também é servido pelo Pastor Sandreczki, com um conto de reis (Rs. 1:000\$000) por ano.

1887

28 DE MARÇO: Foi firmado o contrato com o Pastor Sandreczki, contrato este que vigorará por 1 ano, a partir de 1º. de junho de

1887, obrigando-se o Pastor Sandreczki a celebrar cultos: — na vila de Blumenau, de 14 em 14 dias; na capela de Itoupava, 6 vezes por ano; em Itoupava-Rega, 2 vezes por ano; Fundos da Velha - 2 vezes; Brusque, 6 vezes por ano; Itajaí, 2 vezes por ano. — A contribuição de cada membro (família) da comunidade foi fixada em 1\$500 por ano

1888

25 DE AGOSTO: A assembléia da Comunidade ratifica os Estatutos, aprovados pelo Ministério da Justiça do Império, para onde haviam sido enviados em abril de 1884, passando, assim, a Comunidade Evangélica de Blumenau a ser pessoa jurídica, reconhecida pelo Governo e com direitos de celebrar casamentos, segundo seu ritual, que, registrados, passavam a ter validade legal.

1889

27 DE FEVEREIRO: Eleita a nova Diretoria da Comunidade, que ficou assim constituída: Presidente: Wilhelm Schaeffer; Vice-Presidente: Franz Faust; Secretário: Carl Hertel; Tesoureiro: Heinrich Froehner. — Na mesma reunião foi incumbido o Pastor Sandreczki a dar corda ao relógio da igreja, que nesta data já se achava colocado e em funcionamento, percebendo o Pastor, para este serviço a gratificação mensal de dois mil reis (Rs. 2\$000).

23 DE JUNHO: Tendo terminado o contrato com o Pastor Sandreczki, foi proposto ao mesmo prorrogá-lo por mais um ano.

21 DE JULHO: Ante a negativa do Pastor Sandreczki de ficar mais um ano em Blumenau, a Diretoria resolve apelar ao Conselho Superior da Igreja Evangélica em Berlim, solicitando o envio de um outro pastor, contribuindo a comunidade com 1.400 marcos para as despesas de viagem. O Sr. Faust ofereceu-se para dar corda ao relógio da igreja, durante o período em que o cargo de pároco estivesse vago.

1º DE AGOSTO: O Pastor Sandreczki deixa Blumenau, transferindo-se para os Estados Unidos da América, onde ia assumir o trabalho pastoral em Buffalo.

13 DE AGOSTO: Em virtude da saída do Pastor Sandreczki, que até então também atendia as comunidades de Indaial e Timbó, estes distritos se desligaram da comunidade de Blumenau, formando ambos uma paróquia independente, cujo 1º pároco, o Pastor Erich, chegou a Indaial, em 8 de junho de 1890.

1º DE DEZEMBRO: Assume o cargo de pároco da Comunidade de Blumenau, o Pastor Hermann Faulhaber, enviado pelo Conselho Superior de Berlim, cabendo-lhe, além de servir à Comunidade de Blumenau, realizar ainda anualmente 3 cultos em Itoupava Norte, 6 cultos na capela de Itoupava Central além de uma confirmação por ano na mesma localidade e respectivo ensino preparatório para esta; 4 cultos em Itoupava na Escola N.º 1; 4 cultos em Itoupava-Rega; 3 cultos na Velha e nos demais domingos na Igreja de Blumenau.

1890.

12 DE JANEIRO: É elaborado, aceito e assinado um contrato

com o Pastor Hermann Faulhaber e elevada a contribuição anual de cada membro para dois mil reis (Rs. 2\$000)

21 DE SETEMBRO: O livro de atas relata que o Pastor Faulhaber está empenhado em visitar outras comunidades do Estado, visando a formação de um sínodo ou associação das comunidades, tendo solicitado permissão para essa missão.

1891

11 DE JANEIRO: A localidade de Luiz Alves passa a ser atendida por Blumenau, realizando-se lá 1 culto por ano. Massaranduba une-se à Comunidade de Blumenau e é atendida com cultos em 4 domingos do ano. Foi fixada a cônica do Pastor Faulhaber em Rs. 2:000\$000 por ano.

1892

9 DE JANEIRO: É eleita a seguinte diretoria da comunidade: Presidente: Wilhelm Schaeffer; Vice-Presidente: C. Kühne; Secretário: Carl Hertel; Tesoureiro: Sr. Froehner.

27 DE JUNHO: Lançamento da pedra fundamental do novo prédio da "Escola Nova". (NOTA: Quando foi demolido este prédio, para no mesmo local ser construída a Biblioteca "Dr. Fritz Müller" foi encontrado o recipiente com o "memorial" encerrado nos seus alicerces. Entre os que assinaram aquele "memorial" constava também o nome de Marcos Konder, então aluno daquele estabelecimento.)

28 DE JUNHO: Audiência inicial no processo da medição oficial do terreno da Comunidade Evangélica, situado no vale do ribeirão Fresco, sendo Juiz Comissário de Terras e Colonização o engenheiro Dr. Hercílio Pedro da Luz, que em 31 de agosto de 1892 julgou o processo, constatada a área total de 2.360.000 m², num perímetro de 8.933,60 metros correntes. O Dr. Hercílio Luz dispensou sua parte nas custas do processo.

1893

15 DE JANEIRO: Em reunião, a assembléia concede uma verba para a compra de 25 geiras (72.000 m²) de terras para a igreja, escola e cemitério na localidade próxima à foz do ribeirão 13 de Maio em Massaranduba.

Em fins do ano de 1893 inaugura-se o novo prédio da "Escola Nova" cujo primeiro diretor foi o Pastor Faulhaber que com o seu espírito organizador e dom de competente educador, contribuiu decisivamente para o alto conceito que este modelar estabelecimento alcançou em sua época. Esta escola foi a "célula mater" do atual Conjunto Educacional "PEDRO II" desta cidade.

1894 — 4 DE MARÇO: Em reunião da comunidade ficou resolvido aplicar um terço (1/3 do saldo anual em caixa, na construção da Igreja de Itoupava Central.

80 ANOS DE COLONIZAÇÃO NO VALE DO RIO HERCÍLIO

O Município de Ibirama festeja neste mês de Novembro o 80º aniversário de sua existência. Sobre os primeiros preparativos para a colonização do fértil vale do Rio Hercílio, o jornal da época — "Blumenauer Zeitung" em seu nº. 48 de 27 de Novembro de 1897, publicou a seguinte nota local: —

"COLONIZAÇÃO. Os senhores Sellin e Odebrecht voltaram de sua excursão para exploração da região que a Companhia Hanseática de Colonização adquiriu em nosso município, para o fim de colonizá-la. As esperanças nutridas quanto à qualidade do terreno, não foram frustradas, pois, conforme nos asseverou o Sr. Sellin, trata-se de uma zona muito fértil, como melhor dificilmente se poderá encontrar. Rios surtuosos banham todos os vales, sendo ainda que a zona possui uma riqueza inesgotável em madeiras das melhores qualidades. Pretende-se iniciar desde já os trabalhos de medição e de construção de caminhos. A colonização, em nosso município (trata-se aqui do grande município de Blumenau daquela época), que há vários anos se achava estagnada, tomará agora um forte impulso. Não se trata de iniciativa do governo, e sim de uma companhia alemã, de cuja atividade muito podemos esperar. A imigração será dirigida com rumo planejado, o transporte dos imigrantes será feito adequadamente, para os recém-chegados sempre já existirão lotes medidos e convenientemente demarcados em quantidade suficiente para permitir maior oportunidade de escolha, evitando assim, que os recém-chegados fiquem obrigados a permanecer perambulando durante semanas na cidade, à espera de poder se estabelecer em seus respectivos lotes. À testa do empreendimento acha-se um homem de larga experiência no setor de colonização, adquirida em suas atividades por longos anos no Estado do Rio Grande do Sul, Trata-se do Sr. A. W. Sellin. A nomeação deste senhor, em si só, já nos dá a garantia que o empreendimento será executado com toda a seriedade. Caminhamos, portanto, em relação à colonização, em direção a um profícuo porvir. Que venham, os milhares, que em sua atual pátria não têm a oportunidade para adquirir uma propriedade, um chão onde erigir o seu lar e uma existência sem maiores preocupações, aqui ainda há espaço para muitos, que tenham vontade para trabalhar. Se bem que os primeiros anos do imigrante, é uma luta titânica com a selva e seus perigos, os frutos de um trabalho árduo não hão de falhar e lhes garantirão, para o futuro uma situação econômica satisfatória."

E hoje, após 80 anos de lutas e labor dos habitantes da bacia do Rio Hercílio, o preságio contido na nota daquele jornal, acha-se plenamente realizado, testemunhado pela situação econômica invejável dos prósperos municípios que compõem aquela rica zona colonial e seus moradores, aos quais "Blumenau em Caderros" apresenta seus cumprimentos e admiração.

(Colaboração de Frederico Kilian).

LUIS ALVES

Breve Histórico de um Município Centenário

Prof. Edison d'Ávila

O rio Luiz Alves é o último afluente destacado de Itajaí-Açu, pela margem esquerda. Seus inúmeros braços, ora mansos ora encachoeirados, cortam uma região nem sempre fértil, mas de paisagem indiscutivelmente bela. O vale do Luís Alves, desde o início do século passado, mereceu seguramente a atenção de exploradores e colonizadores.

Intrigante personagem, misterioso estrangeiro — certamente de origem espanhola ou hispano-americana — deu o seu nome ao rio que banha o Município de Luís Alves. A informação nos vem de Charles Van Lede, explorador e colonizador belga, fundador de Ilhota, em sua obra — LA PROVINCE DE SAINTE CATHERINE — MEMOIRE HISTORIQUE, DESCRIPTIF, STATISTIQUE ET COMMERCIEL — 1843". Eis o trecho esclarecedor:

"A uma hora, achávamos na confluência do Luis Alves com o Itajaí — Ali morava DOM LUIS ALVES, que deu seu nome ao rio; apressamo-nos a enviar-lhe a carta que tínhamos para ele. O acolhimento e nós dispensado foi perfeito. Enquanto não vinha a refeição que mandara preparar, deu-nos ele muitas informações a cerca da região em que se estabelecera, parecendo-nos, porém, desnecessário transcrevê-las aqui. A casa de Luís Alves, construída na meia-encosta de um morro de grés, na confluência do rio que

tem seu nome, com o Itajaí Grande, acha-se situado num local encantado. Descortina-se dali grande parte do curso desse último rio, e, na distância, projeta-se sobre o escuro carregado da mata virgem a cor alegre dos morros recobertos da propriedade de Flores, de que alguns trechos estavam recobertos de belas plantações de cafeeiros, entremeados de laranjeiras. Esse desmatamento permite-nos julgar o que virá a ser esta bela Província uma vez cultivada, e a eterna floresta haja desaparecido em parte para dar lugar a sítios tão pitorescos como aquele que tínhamos diante de nós. As três horas, despedimo-nos de Luís Alves e tornamos a embarcar..."

A este solitário e hospitaleiro Dom Luís Alves, de quem sobram apenas estas memórias históricas de Van Lede, deve o Município a herança de seu nome. Pode-se afirmar mesmo que é uma herança honrosa porque merecida. Das afirmações do memorialista citado se pode concluir que Dom Luís Alves foi certamente o primeiro explorador destas terras e seu conhecedor profundo. Pena foi não ter Van Lede julgado necessário transcrever as informações que disse ter-lhe fornecido seu hospedeiro, acerca da região. Perdeu a história do Vale do Itajaí um testemunho valioso!

Como acima se disse, o Vale do Luís Alves merecera seguidamente

a visita de exploradores, os quais cativavam-se com a beleza da paisagem. Muitos, então, foram os que sugeriram ao Governo Provincial; e este sugerisse ao Governo Imperial, a criação de uma colônia ali, a fim de dar início ao aproveitamento dos recursos e a ocupação da região.

Motivado pelas sugestões, resolve o Governo Imperial mandar fundar uma colônia no centro deste Vale; e encarrega desta missão o engenheiro austríaco Júlio Grethe. Transcorria o ano de ... 1877.

O futuro administrador, antes, já estivera na região. Abrira uma picada, do lugar Salto a 15 quilômetros mais ou menos acima e ali determinou fosse a sede da futura colônia, demorando-se mais alguns dias na demarcação de 475 lotes coloniais. Transcorria o mês de novembro, quando duas lanchas do comerciante João Marçal Bastos saíram do porto de Itajaí, entraram pela barra do Luís Alves; e, a varejão, chegaram até o lugar Salto. Na margem esquerda, desembarcaram a primeira leva de colonos para a nova colônia. Eram 79 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, todos italianos. Dali, a pé, pela picada aberta anteriormente, seguiram para a sede da futura colônia. Na verdade apenas uma clareira aberta no meio da mata virgem, com o tradicional barracão de imigrantes. Findava o dia 12 daquele mês, quando a cansativa viagem findou!

No mês seguinte, dezembro, cumprindo o mesmo itinerário chegou a segunda leva de colonos. Todos de origem alemã. No

braço direito, colocaram-se os imigrantes de origem italiana, e na linha do Ribeirão máximo, os de origem alemã.

Foram estes dois núcleos coloniais e outros formados a seguir que deram origem ao hoje Município de Luís Alves.

Na empreitada colonizadora contava o Eng^o. Júlio Grothe com dois auxiliares destacados especialmente: o agrimensor Antônio Mesquita e o também engenheiro e conterrâneo Henrique Kreplin.

No decorrer do ano de 1878, outros grupos de colonos foram chegando, bem como várias famílias de brasileiros de origem portuguesa, tanto que ao final deste ano a população da colônia somava 500 habitantes, distribuídos em 116 famílias, compreendendo 68 famílias italianas, 26 alemães e 22 brasileiras.

Mas foi já neste primeiro ano de vida da nova colônia que as dificuldades foram surgindo. O primeiro administrador retira-se e é substituído a 13 de setembro de 1878 pelo engenheiro Pedro Luís Taulois.

A Região aparentemente tão bela e azolhedora, escondia, no entanto, perigos incalculáveis. Principalmente nas mais diversas moléstias da floresta. E fez numerosas vítimas. Somente nos primeiros oito meses da vida da colônia foram anotados 42 óbitos!

Mas, acima de tudo, as dificuldades maiores adviram da má administração da colônia, fruto de uma política colonizadora errônea. Pode-se dizer mesmo que na fundação da Colônia Luís Alves foram cometidos erros capitais. O primeiro deles na escolha da sede,

fixada a 15 quilômetros do último local em que o rio dava passagem às embarcações. A falta de um acesso franco por terra constituiu-se no ponto capital a estrangular o pleno desenvolvimento de Luís Alves. Em segundo lugar, pode-se arrolar como segundo erro, a direção da Colônia; recaídas em pessoas sem condições para assumirem os encargos da missão. Ótimos funcionários, quem sabe, porem, desprovidos de espírito de sacrifício. Carecedores de energia e mão firme na condução dos negócios da Direção. Alguns mesmos, contam os colonos, só apareciam esporadicamente na colônia, deixando-se ficar em Itajaí, entretidos em outras ocupações! Finalmente, como o terceiro e último erro — discutível, é verdade — a colonização feita com colonos de raças tão diversas, quase antagônicas em língua, em tradições, em temperamento e em índole. Diferenças, à época, exacerbadas em demasia.

Ora, tantos equívocos haveriam de logo produzir amargos resultados.

As rivalidades cresceram, pois que o primeiro administrador — de origem germânica foi logo acusado de proteção aos colonos alemães em detrimento dos italianos e nacionais, pois que determinara áqueles lotes em terras mais férteis, às do Ribeirão Máximo. As rivalidades geraram desaforos pessoais e revoltas sangrentas de colonos, obrigando a permanência de um contingente militar na colônia.

A última tentativa de ordenar a vida da colônia e encaminhá-la para um desenvolvimento espera-

do se faz com a designação do Eng^o. Henrique Kreplin para novo Diretor, em substituição ao eng^o. Taulois. Entretanto, a mudança não surtiu o efeito esperado. Pelo Aviso Imperial de 09 de abril de 1830 a Colônia foi emancipada. Isto é, perdia as características de região privilegiada, desobrigando-se o Governo a conceder-lhe favores e auxílios financeiros. Tem-se como certo que a intenção foi inclusive de extinguir o empreendimento, já que foram oferecidos meios aos que quisessem abandonar o local.

A emancipação, pode-se concluir, foi prematura. Pretendia o Governo Imperial com este ato, como que passar uma borracha sobre tantos equívocos cometidos desde a criação da Colônia. Apesar dos favores oferecidos aos que desejassem deixá-la, foram poucos os que a abandonaram. Ao des caso oficial para com eles, responderam os primeiros luisalvenses com redobrado esforço no trabalho, presos que estavam ao solo que haviam desvirginado e fecundado.

Os interesses de ex-Colônia passaram a ser cuidados de Brusque, inicialmente, e depois de Blumenau; até que por decreto de 10 de janeiro de 1903, passou a constituir-se em distrito do Município de Itajaí.

Ainda em 1893, a Companhia Torres estabeleceria 83 colonos em Luís Alves, e nos anos de 1894 à 1895, outros 84 colonos.

Finalmente, quase nos albores deste século, lavradores de origem germânica, provenientes de Alto Biguaçu, e à procura de melhores condições de vida, estabe-

leceram-se nas linhas dos rios Canoas e São Miguel.

Eles falavam um dialeto próprio e traziam costumes peculiares; foram então apelidados de "biguanos".

Homens heróicos foram esses primeiros luisalvenses! Enfrentando a orfandade oficial, o isolamento a que foram segregados e suas diferenças raciais, souberam construir, pouco a pouco, mas valorosamente, o futuro do Município. Estes eram os seus paranínicos: Hess, Rudolf, Schepping, Seefeld, Melchiorretto, Müller, Reis, Felici, Bompani, Vironi, Dadea, Fachini, Rossi, Costa, Depra, Rocha Solar Da-Rif, De Valieri, Brugnago, Vavassori, Brassanini, Da-Rigo, Tomasseli, Ascari, Piez, Bullart, Bust, Moehler, Kolk, Dal-Ri.

O progresso, de Luís Alves, pode-se ver, fez-se demorado e custoso. Além das dificuldades advindas da má política colonizadora, sofreu golpes terríveis em duas ocasiões: as enchentes de 1888 e 1911.

A enchente de 1888 foi a mais desastrosa, e, nas comunidades do Vale do Itajaí, foi a de Luís Alves a mais atingida. Assim descreveu o quadro dramático de 1888 o Presidente da Província de Santa Catarina, João Rodrigues Chaves, na sua "Fala" daquele ano.

"Pereceram na inundação, em Luís Alves, 25 pessoas maiores e crianças. Foi o núcleo colonial de Luís Alves, recentemente extinto, e cujos habitantes acham-se como que segregados de todas as relações sociais, sem recursos, sem estradas, para se comunicarem com outros povoados, que su-

cumbiu maior numero de vítimas. Enviei logo para esse lugar o inteligente e ativo 2º. escriturário da alfândega Júlio Augusto Silveira de Souza e prestimoso alferes Artur Cavalcante de Livramento, com alguns praças, levando a missão de distribuir socorros e dar asilo e amparo que era urgente, àqueles que tendo perdido seus pais, sofriam todas as privações da extrema miséria. São notáveis e dignas de louvor os serviços prestados então por esses dois funcionários. Vencendo os maiores embaraços e perigos subiram eles o rio Luís Alves, em que não havia ainda baixado de todo o aluvião, em pequenas canoas carregadas, tendo em quasi todo o trajeto de quatro léguas, de abrir, com seus próprios esforços, caminho entre os destroços e troncos de arvores que obstruíam o rio. Cumpriram bem a sua incumbência, distribuindo caridosamente e com escrupulosa regularidade os socorros que lhes foram confiados, e abrindo uma estrada de povoado ao porto do Salto, apresentando o trabalho dos colonos e dando-lhes somente os recursos de alimentação nos dias em que trabalhavam". . .

De tão circunstanciado relatório, que segue com outras informações, se pode concluir a extensão das tragédias vividas pelos luisalvenses em 1888.

A grosso modo, informa ainda a "Fala" do presidente da Província, os prejuízos em Luís Alves foram orçados em 21.300\$000!

Passado o desastre a vida retomou a sua normalidade na ex-Colônia, agora mais isolada e desprotegida. Dependendo sua Adminis-

tração de centros distantes: Brusque e, posteriormente, Blumenau.

O progresso se fazia lento e custoso. O desenvolvimento se baseava quase exclusivamente na agricultura. O comércio e a indústria praticamente inexistiam. Basta dizer que até o final do Império contavam-se em Luíz Alves apenas 4 estabelecimentos comerciais de pequeno porte e 1 engenho de serrar. Aqueles pertencentes, respectivamente, a Celeste Trevisan, João Marçal Bastos, José Koehler e Carlos Kolch; e o engenho de serrar, ao comerciante itajaiense Coronel Antônio Pereira Liberato.

Com o advento da República, o governador Lauro Müller cria o "Plano Viário" do Estado, posto à execução do Eng.º Hercílio Pedro da Luz, engenheiro de Obras Públicas do Estado. A estrada Luíz Alves — Itajaí é incluída no "Plano", e as obras começam. No entanto, os acontecimentos políticos de 1891-1893 retardariam a sua conclusão, somente feito em 1894. Pôde assim Luíz Alves, remover o maior impecilho ao seu crescimento, quebrando o seu isolamento.

Em 1903, o Governo Estadual, por decreto de 10 de janeiro, transforma a ex-colônia em Distrito do Município de Itajaí. A Administração Municipal Itajaiense, mais próxima e interessada, procurou suprir as necessidades urgentes da população do seu 3.º Distrito. Escolas foram criadas em Alto de Luíz Alves, Braço Serafim e 1.º Braço do Norte, subvencionadas pelo Município; equipes de conservação de estradas e pontes foram organizadas.

Novamente, em 1911, as águas do Luíz Alves, represadas pelo Itajaí-Açu e engrossadas enormemente por copiosas chuvas, inundaram todo o distrito. Embora significativos os estragos e prejuízos foram inferiores aos de .. 1889.

Passados os sinistros, superados os desentendimentos iniciais, puderam os luisalvenses organizar a vida da sua comunidade. Uniram-se e passaram a eleger os os seus líderes, advogados seus junto aos poderes públicos. Foram seus primeiros homens públicos, como conselheiros municipais ou vereadores à Câmara Municipal de Itajaí os cidadãos: Constante Melchiorretto, conselheiro municipal no quadriênio .. 1915-1919; Bernardo Kust, conselheiro municipal no quadriênio 1919-1923; Leopoldo Hess, conselheiro municipal nos quadriênios 1923-1927 e 1927-1930; Antônio Marçal Bastos, conselheiro municipal no período constitucional de 1936 a 1937. Retornadas as legalidades, os luisalvenses elegem seus vereadores em 1947, Celeste Alchini e Gerhardt Byllart para o quadriênio até 1950.

Para o quadriênio 1951-1954 são eleitos os vereadores João Brugnago e Willibaldo Billardt. Finalmente em 1955, é eleito Leopoldo Hess, vereador para o quadriênio até 1959.

O Distrito de Luíz Alves, em .. 1927, comemorou festivamente o seu cinquentenário. Presentes estavam o Governador do Estado, Dr. Adolfo Klönder; o Vice-Governador do Estado, Dr. Walmor Ribeiro Branco; superintendente Municipal de Itajaí. Usaram da

palavra na comemoração o Governador do Estado e o Superintendente Municipal .

Foi Marcos Konder, em seu discurso, que conclamou os luisalvenses a que se associassem ao poder público municipal na construção do edifício para o Intendência Distrital. Dizia ele naquela ocasião: Para organizar e concertar a administração distrital, uma espécie de casa do estado-menor da comuna onde encontrareis as autoridades para fazer valer os vossos direitos, os funcionários para registrar todos os atos da vossa vida o de vossos filhos, desde o berço até o túmulo onde julgareis os delitos menores dos concidadãos: onde depositareis os tributos para as despesas do Distrito, enfim uma casa para a Intendência Distrital, que seja ao mesmo tempo coletoria municipal e estadual, cartório de paz, sala de audiência do juiz de paz, sede do telégrafo e do telefone. "E apelava", "Preciso, no entanto, rogar o vosso auxílio, porque sem ele não poderemos levantar estas paredes. sem ele não tereis a vossa Intendência".

E ao apelo não se fez por espe-

rar. A comunidade de Luis Alves. Valentin Hess faz a doação do terreno para a construção. A 27 de novembro de 1927 fazia-se o lançamento da pedra fundamental da futura intendência Distrital, hoje Prefeitura Municipal de Luis Alves, inaugurada solenemente a 10 de agosto de 1938.

Custou a obra Rs. 36.816\$190, quantia para a qual contribuíram prazerosamente todos os luisalvenses com um adicional de 50% nos impostos nos anos de 1928 e 1929. Embora bem administrada a comunidade do Distrito já amadurecera. A agricultura crescera; o comércio e a indústria desenvolviam-se. Iniciou-se o movimento comunitário pró-emancipação política do Distrito. Aproveitava-se a onda emancipalista que havia no final da década de 50.

Em 21 de julho de 1958, a assembléia Legislativa Estadual, pela Lei nº. 348, cria o Município de Luis Alves, desmembrando-o de Itaiáí.

Em 18 de julho do mesmo ano dá-se a solene instalação da nova comuna catarinense.

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO NA U.F.S.C. É ENRIQUECIMENTO DA HISTORIA DE SANTA CATARINA

A Universidade Federal de Santa Catarina, vem mantendo na área de ciências humanas, o Curso de Pós-graduação em História, estruturado dentro das mais modernas exigências dos Cursos de Pós-graduação. Para o completo êxito deste empreendimento, a UFSC conta com excelentes mestres e doutores em História, de renome nacional e internacional.

O curso vem conquistando campo dia a dia e se impondo pela seriedade, no Estado de Santa Catarina e em todo o sul do Brasil.

Para o Estado de S. Catarina, a iniciativa veio despertar o inte-

resse pela História e pelas tradições diversificadas nas suas várias regiões, conforme o núcleo de colonização alienígena.

As primeiras turmas do Curso de Pós-graduação já estão com suas teses de mestrado em franco andamento e a História Catarinense está sendo desperta e pesquisada de norte a sul, do litoral ao extremo-oeste.

Trata-se, indubitavelmente, de um curso que integra catarinenses e aprofunda a nossa pesquisa histórica, levando-a para um campo eminentemente científico.

O curso constitui-se hoje no grande paladino e vanguardeiro da pesquisa histórica de Santa Catarina e um verdadeiro modelo de curso de Pós-graduação para o sul-brasileiro.

Estruturado com muita seriedade, funcionando regulamente e tendo um corpo de professores e orientadores altamente qualificado, vem desde já deixando sua marca nas inúmeras pesquisas em elaboração pelos mestrandos.

O sr. Walter F. Piazza, pesquisador incansável, batalhador em prol da História científica de Santa Catarina, é o integrador do Curso merecedor dos aplausos e incentivos desta revista.

Está de parabens, portanto, a Universidade Federal de Santa Catarina por mais um Curso em franco desenvolvimento, de sólida estrutura e suma necessidade para a cultura histórica de Santa Catarina.

Integram o Curso de Pós-graduação vários professores de Santa Catarina e do Paraná, sendo que seis são de Blumenau. Suas teses tem significativo interesse histórico, que passaremos a publicar, para conhecimento e reconhecimento dos afeiçoados e admiradores da história de Santa Catarina:

TESES DE MESTRADO

Mestrando: Anselmo Antônio Hillesheim — Blumenau — "Agropecuária de Exportação na área de Blumenau" — orientador: Prof. Dr. Roger Frank Colson.

Mestrando: Emiliano Stolf — Blumenau — "Um Estudo das Escolas Alemãs e Italianas na Colônia Blumenau". — Orientador Prof. Walter F. Piazza.

Mestrando: Joana Maria Pedro Machado — Blumenau — "O Resultado da Construção Naval em Itajaí". — Orientador: Prof. Dr. Roger Frank Colson.

Mestrando: Luiz Vendelino Colombi — Blumenau — "Industrialização em Blumenau" — Orientador: Prof. Dr. Roger Frank Colson.

Mestrando: Nelo Osti — Blumenau — "História Demográfica de Blumenau" — Orientador: Prof. Dr. Lawrence James Nielsen.

Mestrando: Amazile de Hollanda Vieira — "O Instituto Politéc-

nico e sua Influência no Panorama Cultural de Florianópolis". — Orientador: Prof. Dr. Walter F. Piazza.

Mestrando: Carlos Humberto Pedernairs Corrêa — "A Revolução de 30 em Santa Catarina" — Orientador: Prof. Dr. Walter F. Piazza.

Mestrando: Darcy Pacheco — "Estudo sobre a Junta de Fazenda de Sta. Catarina — Período — 1817/1881". — Orientador: Prof. Dr. Roger Frank Colson.

Mestrando: Djanira Maria Martins de Andrade — "A Influência da Ponte Hercílio Luz no Desenvolvimento da Ilha de Sta. Catarina". Orientador: Prof. Dr. Lawrence James Nielsen.

Mestrando: Edi Maria de Almeida — "Evolução Social do Antigo Município de São Miguel". — Orientador: Profr^a, Dr^a, Marly A. F. B. Mira.

Mestrando: Edy Álvares Cabral de Barros — "Um Estudo da Evolução Social de Laguna". — Orientador — Profra. Dr^a. Marly A. F. B. Mira.

Mestrando: Elisabeth Maria Dutra — "Os Jesuítas e o Ensino na Ilha de Santa Catarina" — Orientador: Prof. Dr. Paulo Fernando Lago.

Mestrando: Fernando José da Silveira Póvoas — "A Implantação da Energia Elétrica e o Desenvolvimento Econômico Social de Brusque". Orientador: Prof. Dr. Errol Jones.

Mestrando: Guiomar Belli — "Brusque — Aspectos Demográficos e Sociais". — Orientador — Prof. Dr. Lawrence James Nielsen.

Mestrando: Jaecyr Monteiro — "A Nacionalização do Ensino em Santa Catarina." — Orientador: Prof. Dr. Errol Dean Jones.

Mestrando: Jali Meirinho — "A República em Santa Catarina, 1889 — 1899". — Orientador: Prof. Dr. Walter F. Piazza.

Mestrando: Julieta de Albuquerque Quint — "Um Estudo sobre São José". — Orientador: Prof^a, Dr^a, Marly A.F.B. Mira.

Mestrando: Laura Machado Hubener — "O Movimento Comercial do Porto de N. Sr^a. do Desterro, no século XVIII". — Orientador: Prof. Dr. Roger Frank Colson.

Mestrando: Lourdes Lago Rosetto — "Os Campos Gerais de Palmas — Fazendas e Povoamento — 1836/1920". — Orientador: Prof. Dr. Lawrence James Nielsen.

Mestrando: Maria Bernardete Ramos Flores — "História Demográfica de Itajaí" — Orientador: Prof^a, Dr^a, Marly A. F. B. Mira.

Mestrando: Maria da Graça Oliveira — "Evolução Histórica e Econômica do Município de Porto Belo" — Orientador: Prof. Dr. Lawrence James Nielsen.

Mestrando: Maria Terezinha Sobierajski Barreto — "Estudo Demográfico da População de Origem Polonesa no Vale do Rio Tijucas dos Inícios da Colonização, 1880/1950" — Orientador: Prof. Dr. Lawrence James Nielsen.

Mestrando: Nelma Baldin — "Intendência de Marinha em Santa Catarina, 1817 a 1834" — Orientador: Prof. Walter F. Piazza.

Mestrando: Reinaldo Pick — "A Filosofia de Trabalho dos Jesuítas no Sul do Brasil." — Orientador: Prof. Dr. Errol Dean Jones.

Mestrando: Rita de Cássia V. Bleyer — "Evolução Social e Demográfica de Lages". — Orientador: Prof. Dr. Lawrence James Nielsen.

Mestrando: Roselys Izabel Corrêa dos Santos — "A Colonização Italiana no Vale do Itajaí-Mirim". — Orientador: Prof. Dr. Paulo Fernando Lago.

Mestrando: Rufino Porfírio Almeida — "Evolução Econômica de Joinville". — Orientador: Prof. Dr. Roger Frank Colson .

Mestrando: Simão Willemann — "A Educação na Escola Alemã do Vale do Braço do Norte, no Período de 1870 a 1930" — Orientador: Prof. Dr. Walter F. Piazza.

Mestrando: Soni de Carvalho — "Estudo Demográfico da Sociedade de São Miguel — 1750 a 1930" . — Orientador: Prof^a. Dr^a. Marly A.F.B. Mira.

Mestrando: Sueli Maria Vanzuita Petry — "As Sociedades de Caça e Tiro em Blumenau." — Orientador: Prof. Dr. Errol Dean Jones.

Mestrando: Valmir Martins — "A Contribuição do Imigrante para o Desenvolvimento das Relações Capitalistas no Sul do Estado de Santa Catarina" — Orientador: Prof. Dr. Roger Frank Colson.

Mestrando: Valmor Bonifácio de Sena — "A Educação e seus Reflexos na Economia Catarinense". — Orientador: Prof. Dr. Nereu do Vale Pereira.

Mestrando: Walter Manoel Gomes — "O Comportamento dos Alemães e dos Teuto-Brasileiros, em Sta. Catarina, durante a II Guerra Mundial. (O Germanofilismo em Florianópolis; Organização e Repressão)" — Orientador: Prof. Dr. Nereu do Valle Pereira.

Mestrando: Vera Lúcia Fregonese — "A Colônia Militar de Chopim' — Orientador: Prof. Dr. Hélio Romito de Almeida.

Mestrando: Vilson Francisco de Farias — "Demografia Açoreana no Litoral Catarinense — Freguesia de Enseada de Brito, no Período de 1778 1890". — Orientador: Prof. Lawrence James Nielsen.

AGRICULTURA

Dr. Giovanni Rossi

(SÍNTESE E TRADUÇÃO DO ITALIANO PELO Pe. VICTOR VICENZI)

Dr. Giovanni Rossi, escreveu o presente artigo sobre Agricultura, em homenagem aos cinquenta anos de Blumenau, inserido no livro "1850 — Blumenau — 1900".

Como Diretor da Estação Agronômica de Rio dos Cedros, SC,

era possuidor de amplos conhecimentos, especialmente relativos à Botânica e a Agronomia, motivos estes que o levou a nos brindar com o presente artigo referente ao Município, que então abrangia a área de quasi todo o Vale de Itajaí. Assim ele se expressa naquela ocasião:

"O Município de Blumenau apresenta uma maravilhosa variedade de culturas agrícolas, das quais algumas alimentam o comércio de exportação, outras servem ao consumo interno, enquanto outras representam as tentativas experimentais de algum colono inteligente, não de todo condenadas ao inútil e ao ostracismo.

A planta mais cultivada no Município de Blumenau, é provavelmente a cana, da qual se extrai o açúcar e a pinga e serve também de forragem.

De Gaspar, onde está a cultura mais importante, até à bacia do Cedros, vemos a verdejante gramínea cultivada em geral por todos os colonos. Esses são possuidores de pequenos engenhos hidráulicos e alambiques, que lhes fornecem boas vantagens de vida econômica familiar.

O milho é o cereal básico da nutrição colonial, panificado pelos alemães e em polenta peños italianos. O baixo preço desse produto, entretanto, por causa da concorrência do milho argentino e pela fraca produtividade, devido ao empobrecimento das terras há anos desfrutadas, proscrevem essa cultura, que se faz mais racionalizada em terrenos arados e adubados.

Entre as plantas de fécula, en-

contramos a mandioca e o aipim, o cará (*Discorea Heptaneura Vell.*), a batata doce, o taiá (*Caladium Sagittifolium*), o inhame (*Colocásia Antiquorum*), — que os italianos, por corrupção de linguagem o chamam de "diama", — a araruta (*Maranta Arundinacea*) e a batata de Parmetier, hoje quasi abandonada por causa das doenças, a que está sujeita.

Essas raízes e tubérculos, fazem parte direta da alimentação humana e podem ser também transformados em farinhas para ração dos animais domésticos.

Os legumes são cultivados em pequena escala por serem de difícil conservação, atacados constantemente por diversas espécies de larvas. Entretanto o feijão do outono parece ser menos atingido por esses insetos, razão pela qual sua produção se torna suficiente para o consumo interno do Município.

As hortaliças, especialmente o repolho, cultivam-se somente no inverno.

O arroz é plantado no seco em virtude das frequentes chuvas de verão, no meio das fileiras do milho ou isoladamente. Em Guariçanas foram realizadas experiências de arrozais segundo o sistema lombardo (Lombardia, Itália), nos quais se cultiva o arroz por irrigação com ótimos resultados.

Entre as culturas anuais, destaca-se o plantio do fumo (tabaco), que neste ano forneceu para a exportação cerca de 200.000 kg de folhas, pagas em média a . . . 10\$000 c. arroba.

O solo rico de humus e de potassa, o clima quente, úmido e

chuvoso, permitem obter folhas muito grandes, finas e combustíveis, próprias para fabricação de charutos.

Certamente que, o aperfeiçoamento ao qual está sujeito este ramo agrícola, poderá desencadear para o futuro uma produção de alto nível comercial.

O algodão, prejudicado pelas chuvas no tempo da colheita, desapareceu da colônia.

O trigo, a aveia, o centeio e a cevada pelas experiências feitas em pequena escala por um ou outro colono, parece terem dado bons resultados quando semeados em princípio de junho, mas sempre com o perigo de sofrerem a ferrugem que os ataca rudemente.

A produção do café é razoável, mas não é suficiente nem sequer para o consumo interno da população.

A parreira do tipo Isabela, forneceu bons vinhos em escala elevada nos primeiros anos da colonização, mas depois de ter sido atacada pela peronóspera, a uva não amadurece mais regularmente, do que resultou o desestímulo do cultivo e aos poucos foi abandonada.

O tratamento com o sulfato de cobre, não possui a eficácia que tem em outros países, por causa do clima excessivamente quente e úmido.

A Estação Agronômica, procurou introduzir outras variedades da "Vitis Sinifera", relativamente mais resistente àquela doença e quando atacadas poderão ser mais facilmente combatidas.

Entre as plantas frutíferas, destacam-se a banana de diversas

qualidades, as laranjas, as tangerinas, os limões, os pêssegos e os figos. As peras e os abacates são mais raros. O cultivo do ananás e do abacaxi, daria bons resultados, mas os colonos não se dedicam ao plantio dessa bromeliácea.

A criação do gado, especialmente da vaca leiteira e do porco, enriqueceu muitas famílias, cujo produto é em parte exportado e em parte consumido no próprio Município.

A meu ver este ramo poderá ser a futura base sobre a qual se edificará toda a economia agrícola destas "valadas", que são excepcionalmente propícias pela exuberante vegetação erbácea, sob a influência combinada do sol, da chuva e da umidade atmosférica. É preciso, porém, e para isso se dirigem todos os esforços da Estação Agronômica, que a par das pastagens estivas, seja criado um método de cultivo à base de feno e de gramíneas, para o tempo de inverno.

O campo experimental da Estação Agronômica, já obteve ótimos resultados nesse sentido. O cultivo do teocinto, do sorgo, da marmelada de cavalo, o capim favorita, o capim gordura e outros tipos de forragens, deram bons resultados. Com essas forragens, combinadas à pastagem natural e ao uso da batata doce e do aipim, se poderá criar a raça mais exigente e mais produtiva em escala extraordinariamente elevada, que poderá ser a futura riqueza do povo da colônia e do Estado.

Claro que para isso seria necessário obter os fertilizantes químicos adequados, como acontece na

Europa. Como, porém, este método se torna impossível, devido ao alto custo dos mesmos por ser artigo importado, torna-se necessário produzir o adubo caseiro, através de esterqueiras, que são econômicas e de ótimo rendimento.

Os implementos agrícolas são ainda muito rudimentares, mas correspondem às necessidades da indústria atual, preparados pelas ferrarias das nossas valaças.

Nos montes usam-se a foice e a enxada, enquanto nas planícies destocadas, domina o arado, a capinadeira, a semeadeira mecânica e as enxadas a cavalo.

A única máquina difundida e fabricada aqui mesmo, é a máquina de picar cana e outras forragens, utilizada no preparo da ração animal.

Os transportes por sua vez são feitos por meio de carretas de quatro rodas, puxadas a cavalo.

Concluindo, podemos afirmar que, apesar do breve tempo do qual data a colonização, muito se fez.

Considerando as condições gerais do País e os meios insuficientes de que os colonos podem dispor, parece-me que a agricultura tenha progredido bastante, mesmo na zona ocupada pelos italianos.

Será nobre, necessário e belo o interesse das gerações futuras continuarem a levar adiante tão grande empreendimento humano, a tal ponto que se possa dizer por ocasião dos festejos do 1º. centenário de Blumenau: A agricultura dos nossos pais era bem primitiva".

Retificação

Escaparam infelizmente à revisão, no artigo "Os colonizadores do Vale do Itajaí: família Deschamps — II", publicado na edição de outubro p.p. desta revista, os seguintes equívocos que ora desejamos corrigir:

- a) Pág. 305, 11ª. linha:
— onde se lê "°28.4.1863
S.P.R."
— leia-se "°28.4.1863
S.P.A."
- b) Pág. 305, 11ª. linha:
— onde se lê "Angelino"
— leia-se "Angelina"

- c) Pág. 305, 38ª. linha:
— onde se lê "°12.1.1806"
— leia-se "°12.1.1906"
- d) Pág. 305, 42ª. linha:
— onde se lê "Saturino Deschamps"
— leia-se "Saturnino Deschamps"
- e) Pág. 307, 1ª. linha:
— onde se lê "°171.1909"
— leia-se "°17.01.1909"
- f) Pág. 307, 6ª. linha:
— onde se lê "casou
25.1.1962"
— leia-se "casou
08.09.1961".

DOIS AMIGOS INCONDICIONAIS DE BLUMENAU NA EUROPA, AGRADECEM A REMESSA DE "BLUMENAU EM CADERNOS"

Duas figuras inesquecíveis na história de Blumenau e que marcaram sua presença, através dos tempos, pela ação que desenvolveram em favor da cultura e das tradições blumenauenses, acham-se hoje na Europa, mas não esquecem da cidade e do povo, para os quais prestaram assinalados serviços.

Um deles é Frei Braz Reuter, o paladino que liderou com extraordinário entusiasmo e capacidade de trabalho, durante vários anos, a ação em prol da construção do novo templo católico — a Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo, obra hoje admirada e visitada por milhares de brasileiros que passam por Blumenau, assim como por pessoas vindas de outros países tanto da América como da Europa. Apesar de achar-se há vários anos afastado de nosso meio, vivendo tão longe da cidade para a qual e por cujo povo religioso tanto fez, nunca esqueceu aqueles que sempre o cercaram de admiração, estima e respeito.

O outro é Frei Ernesto Emmendoerfer, que, tanto nos meios religiosos como nos meios culturais blumenauenses deu o melhor de seus dias de vida, aqui envelhecendo num trabalho quase que diuturno que tanto beneficiou sua terra natal. Foi um dos grandes colaboradores para o maior brilhantismo dos festejos do Centenário de Blumenau, estando inclusive, com sua inteligência brilhante inestimáveis ser-

viços na elaboração do Livro do Centenário.

Hoje, vivendo na Europa, cada qual cumprindo ainda, missões atinentes às funções sacerdotais que abraçaram, Frei Braz Reuter e Frei Ernesto Emmendoerfer mantêm viva a chama de amor a esta cidade e a seu povo, junto ao qual conviveram durante longos anos.

Face a isto, sempre que têm oportunidade, fazem sentir a alegria de um contato com gente de nossa terra por qualquer atenção de que sejam alvo. É o que acaba de acontecer com a Direção da Fundação "Casa Dr. Blumenau", que acaba de receber a seguinte correspondência:

De Frei Braz Reuter: — "Rhembrohl, 26.10.77. — "Meu bondoso José!

Lendo em "Blumenau em Cadernos", que gratamente e pontualmente recebo, o artigo "A História de Um Bugre Ofendido", imaginei logo que o autor, pelo estilo claro, corrente e original, não pode ser outro que não aquele "José Gonçalves" que você muito conhece, com quem volta e meia se encontrou e a quem deve lindas, si bem que imerecidas publicações, com respeito à nova Igreja Matriz e ao seu pobre construtor. Fiquei satisfeitíssimo ao encontrar-me com o sr., por meio do artigo. Folgo em saber que os responsáveis pela "Casa Dr. Blumenau" o escolheram como sucessor dos amigos e por mim estimados, srs. José Ferreira da Sil-

va e Frederico Carlos Allende. Meus sinceros parabens, porque sei que a revista está em boas mãos! Ao sr. e exm^a. família, que certamente já aumentou, desejo muitas felicidades, bem estar, saúde e graças e benção do Senhor. Seu sempre grato — Frei Braz Reuter — O.F.M.”.

A correspondência recebida por parte de Frei Ernesto Emmendor-

fe, diz: “559 — Cochem, em 1.11.77. — Pezado Senhor José Gonçalves! Agradeço a gentileza de o sr. continuar a remessa regular de “Blumenau em Cadernos”, publicação da minha terra, à qual desejo prolongada existência, como ao sr. e exm^a. família, saúde e felicidade, com cumprimentos de Frei Ernesto Emmendoerfer”.

JEAN R. RUL

“Blumenau em Cadernos”, seus leitores e incontáveis figuras da sociedade catarinense, sofreram uma perda profundamente triste.

Perdemos não só um colaborador notável, mas, acima de tudo, um amigo de momentos tão agradáveis que já fazia parte do quotidiano de tantas pessoas. Perdemos Jean R. Rul, o festejado pesquisador que, há muito tempo, vinha divulgando nas páginas da revista, o seu apreciado trabalho de genealogia, como uma das mais valiosas contribuições para o acervo histórico de nossa região.

De nascimento belga, Jean R. Rul veio para o Brasil ainda bem jovem, tendo ocupado funções numa empresa de exportações da Bahia. Mais tarde, transferiu-se para Florianópolis, onde contraiu matrimônio. Desse matrimônio, teve a ventura de ver nascer seus três filhos. Seu espírito liberal e aberto ao diálogo, o tornou um legítimo brasileiro, amante da terra adotiva e da pátria de seus filhos. Em Blumenau viveu nos últimos anos desenvolvendo atividades importantes em organizações industriais locais, tendo pertencido durante todos esses anos ao Rotary Club Blumenau Norte.

Jean R. Rul sentiu-se acometido de enfermidade de maneira surpreendente. Submeteu-se a um tratamento, a uma cirurgia e nada conseguiu fazê-lo recuperar-se. O seu mal foi traiçoeiro e o colheu em pleno vigor de sua inteligência, de sua disposição e entusiasmo para o trabalho notabilíssimo que vinha desenvolvendo. Faleceu em Florianópolis, dia 4 de dezembro, tendo sido sepultado dia 5.

A figura de Jean R. Rul desapareceu de nosso meio, não contaremos mais com sua valiosa colaboração, no entanto, deixou, para a posteridade, a marca de seu trabalho em favor da história de Blumenau nas páginas da revista. E esse trabalho há de servir, sempre, como um exemplo de que, abnegada e despreendidamente, deu o melhor de sua vida por um ideal: o de servir, lema que há muitos anos adotara, ao ingressar no Rotary Clube.

Ao estimado amigo e colaborador Jean R. Rul, a nossa saudade.

A sua esposa e filhos, a nossa solidariedade na dor pela perda do pranteado ente que sempre foi exemplo de esposo, de pai e de amigo.

OS PRIMEIROS MORADORES DE RIO DOS CEDROS

José E. Finardi

A colonização italiana na antiga Colônia Blumenau, iniciada em 1875, com o estabelecimento de 114 famílias com 771 pessoas, vindas do Tirol Austríaco, intensificou-se no triênio seguinte, totalizando 2.690 pessoas, sendo 1.438 tirolezes e 852 italianos, provindos estes das regiões do Norte da Itália.

As citadas 114 famílias iniciais se estabeleceram em quase sua totalidade, nos lotes demarcados no então denominado "Caminho do Rodeio", no atual município de Rodeio, conforme se infere dos "Títulos de Posse" assinados pelo próprio Dr. Blumenau, datados cerca de um mês depois da chegada de cada uma das três levadas vindas em 15 de agosto, 15 de setembro e 28 de outubro de 1875.

Os lotes demarcados nas demais linhas coloniais, notadamente as denominadas de "Estrada dos Pomeranos", "Caminho dos Tirolezes", "Ribeirão São Paulo" e "Ribeirão Guaricanas", foram ocupados, em sua maioria, no decorrer do ano de 1876, haja visto os "Títulos de Posse", expedidos pela Direção da Colônia, datados desse ano.

De fato, no dia 6 de setembro de 1876, na sede da Colônia, presente o interprete oficial Angelo Lenzi, pai de Angelina Lenzi, nascido no dia 2 de outubro de 1876 e recentemente falecido com idade centenária o Dr. Blumenau fez entrega de 40 Títulos de Posse, aos primeiros 40 imigrantes que se estabeleceram em "Estrada dos Pomeranos". Esta data se constitui, portanto, na data da fundação dessa linha colonial, tendo em vista o critério adotado pelo Dr. Blumenau, que entendia ser a data da fundação a data da distribuição dos primeiros lotes e não a data da chegada dos imigrantes.

Relacionamos, a seguir, os nomes dos primeiros moradores de "Estrada dos Pomeranos" e seus familiares, com indicação do lote, sua área e o auxílio em ferramentas, etc. que cada um recebeu:

Nº. do lote	Nome dos imigrantes	Área	Auxílios
55	Antonio Nardelli, de Bezerello, solteiro	208.720	189\$000
56	Francesco Uber, de Matarello e esposa Tereza Ferrari e 2 filhos: Eugenio, com 28 anos e Melania, com 4 anos.	216.910	381\$100
57	Antonio Slomp, de Trento e esposa Irene Perini e 1 filho: Giulio, de 1 ano.	198.800	194\$280
59	Francesco Perini, de Matarello e esposa Lucia Girardi e 4 filhos: Angela, 21 anos Giuseppe, 16; Francesco, 11 e Maria, 14 anos	206.490	407\$280
61	Segismondo Nardelli, de Matarello e esposa Clementina Perini e 3 filhos: Giuseppe, 4 anos;		

	Maria, 3 e Segismondo, 2 anos.	197.680	369\$000
62	Giovanni Baptista Bertoldi, de Matarello, e esposa Tereza Ferrari e 7 filhos: Domenico, 23 anos; Flora, 19; Giacomo, 17 Beniamino, 12; Giacinto, 10; Giuseppe, 8 e Tereza, 5 anos.	202.090	148\$600
65	Domenico Pisetta, de Albiano e esposa Madalena Odorizzi, fal. em 15.5.89 e 3 filhos: Fortunata, 12 anos; Giuseppe, 8 anos e Giovanni, 5 anos.	195.400	186\$380
66	Domenico Pisetta II — idem, idem	204.870	311\$000
69	Bortolo Andreatta, de Cembra e esposa Tereza Fabiani e 4 filhos: Manoela, 14 anos; Anna, 7; Giuseppe, 4 e Maria 1 mês, falecida em 24.6.76., com 8 meses.	194.820	351\$920
70	Pietro Marchetti, de Albiano e esposa Domenica Pisetta, falecida em 28.10.76 e 2 filhas: Marcelina, fal. em 24.6.76, com 5 anos e Caetana, fal. em 28.10.76, com 2 e meio anos.	186.750	167\$880
71	Antonio Sevegnani, de Albiano e esposa Domenica Bergher e 4 filhos: Barbara, 25 anos; Dorothea, 23, Tereza, 21 e Domenico, 20 anos. Transferido a Domenico Dallamaria.	152.500	146\$580
72	Giovanni Felippi e esposa Lúcia Vilotti.	188.870	247\$860
73	Andrea Zatelli, de Matarello e esposa Anna Toller.	204.013	176\$000
75	Domenico Carlini, de Pergine e esposa. Transf. a Giovanni Carlini em 15.12.912.	178.000	294\$820
76	Domenico Tomazini, de Matarello e esposa Catharina.	227.800	320\$960
87	Virgilio Felippi	132.600	250\$660
91	Andrea Campregher, de Centa e esposa Angela Bortolini e 7 filhos: Ernesto, 11 anos; Rosa, 9; Annunciata, 8, Giuseppe, 7; Emilia, 6; Eugenio, 4 e Giovanni, 1 ano.	159.062	528\$540
93	Vicenzo Zatler, de Centa e esposa Elisa Aquilene.	188.224	192\$380
94	Paolo Mattedi, de Walda, Tr. e esposa Maria Zendron e 4 filhos: Domenico, 17 anos; Giovanni, 13; Genoveva, 18 meses e Frederico, 6 meses.	203.000	313\$880
96	Antonio Boltolini, de Centa e esposa Emilia Bertoldi e 2 filhos: Feliciano, 7 anos e Maria, falecida em 24.7.76.	191.064	282\$800
97	Nicolao Tecila, de Centa e esposa Annunciata Zatler e 5 filhos: Carolina, 15 anos; Anna Maria, 12; Tereza, 8; Manoele, 5 e Albino, 2 anos.	249.485	318\$700

98	Antonio Pradi, de Centa e esposa Carolina Martinelli e 4 filhos: Ferdinando, 14 anos; Abramo, 9; Oliva, 6 e Eugenio, 2 anos.	194.320	460	\$400
99	Angelo Bortolotti	274.507	460	\$400
100	Giorgio Zatler, de Centa e esposa Philomena Tecila e 2 filhos: Giovanni, de 8 anos e Barbara, 1 ano.	188.191	258	\$380
101	Tomazo Vicenzi, de Morri, Tr. e esposa Maria Rosá e 3 filhos: Maria, 8 anos; Mansueta, 6 e Innocenza, 4 anos.	166.600	306	\$380
103	Lazaro Domenico Pedron, de Conta, solteiro, 37 anos. Em 24.10.76, casou com Angela Giovanella.	145.459	168	\$380
106	Manoele Bortolini, de Centa e esposa Dotea Bortolotti e 2 filhos: Amalia, com 6 anos e Heduigia, 4 anos.	202.100	258	\$600
113	Cristofolo Mengarda, de Samone e esposa Ursula Costezza e 2 filhos: Rosa, 3 anos e Eufrosina, 6 anos. Transferido a Geremia Mengarda.	368.336	315	\$700
117	Domenico Pedrelli, de Stringo e esposa Emilia Poletto e 2 filhos: Giovanni, 10 anos e Egidio, 6 anos. Transferido ao filho Giovanni.	390.168	119	\$600
118	Angelo Lenzi, de Samone e esposa Luigia e 1 filho: Francesco, de 4 anos.	175.117	299	\$260
119	Domenico Trisotto, de Samone e esposa Mathilde Dallamaria, Transferido ao filho Ricardo Trisotto.	337.106	258	\$060
120	Zacaria Lenzi, de Samone, solteiro, 31 anos, o pai Giovanni Baptista Lenzi, a mãe Maddalena Zanghelini e irmão Damiano Lenzi, de 10 anos	160.696	108	\$380
122	Quiliano Paoletto, de Sringo e esposa Mathilde Dallamaria e 4 filhos: Tereza, 6 anos, Severino, 5; Ida, 3 e Paolo, 1 ano, este fal. em 25.7.1876.	143.100	—	—
123	Antonio Lenzi, de Samone e esposa Tereza Fiemazzo e 1 filho: Antonio, com 23 anos.	292.717	—	—
125	Isidoro Mengarda, de Samone e esposa Elisabetha Tomaselli.	276.109	96	\$520
126	Antonio Molinari, de Bieno e esposa Agatha Dallamaria e 2 filhos: Tereza, 3 anos e Carlo, 2 anos.	170.554	264	\$020
127	Antonio Berti, filho de Giuseppe e Catharina Berti, solteiro.	313.218	153	\$660
129	Angelo Cattoni, de Cavedine e esposa Antonia Uber e 3 filhos: Domenica Dozolina, 16 anos:			

	Udarico, 10 e Tereza, 7 anos.	191.183	388\$880
132	Zacaria Trisotto, de Samone e esposa Tereza e 1 filho: Ignazio, de 19 anos.	222.499	104\$100
148	Giuseppe Berlanda, de Cavedine e esposa Domenica Ferrari e 5 filhos: Beniamino, 19 anos; Tereza, 15; Emma, 14; Maria, 11 e Luigia Emma, de 9 anos.	195.095	330\$380
	Em data de 25 de outubro de 1876		
77	Giovanni Baptista Baldessari	92.200	72\$000
90	Giovanni Bardini	200.000	176\$600
	Em data de 15 de Dezembro de 1876		
79	Erminio Stingham, de Volano e esposa Catharina Dematé	171.100	361\$140
81	Cristofolo Dalpiaz, de Terres e esposa Maria Martini e 5 filhos: Giovanni, 25 anos; Annibale, 20; Domenica, 14; Pietro, 12 e Mathilde 1 ano. Transf. a Francesco Dalpiaz	231.500	180\$100
83	Giovanni Dalpiaz e esposa Maria Dalfovo e 2 filhos: Celeste, 20 anos e Carlo, 10 anos. Transferido a Carlo Dalpiaz.	139.000	328\$240
84	Celso Stingham de Volano e esposa Emilia Torrazzi e filho Augusto, de 1 ano.	169.900	198\$300
88	Celeste Dalpiaz, de Terres, 20 anos, solteiro, filho de Giovanni Dalpiaz.	198.000	53\$000
	Em datas posteriores receberam seus Titulos de posse, os seguintes imigrantes:		
32	Alessandro Lenzi e esposa Maria Grolla.	206.920	139\$000
37	Escola e Cemitério	208.775	
39	Antonio Tomazoni	193.500	210\$480
40	Domenico Cava, de Valmaggione, Bergamo e esposa Agnese Merli e 1 filho: Bartholomeo, de 18 anos. Transferido ao filho Bartholomeo.	203.700	129\$080
41	Sperandio Bendotti, de Valmaggione, Bergamo. Em 24.5.1877, casou com Flora Bertoldi, filha de Giovanni Baptista Bertoldi e Tereza Ferrari.	197.550	— —
52	Eugenio Uber, de Matarello e esposa Lucia Nardelli e 2 filhos: Melania, de 4 anos e Daniele, 1 ano.	203.110	318\$100
54	Eugenio Uber, idem idem	201.900	— —
58	Giuseppe Perini, de Matarello, filho de Francesco Perini.	229.050	— —
60	Francesco Perini F ^o ., de Matarello, filho de de Francesco Perini.	196.130	— —
63	Domenico Bertoldi, de Matarello, 23 anos sol-		

	teiro, filho de Giovanni Baptista Bertoldi. Titulado em 13.4.93.	201.680	—	—
64	Giovanni Baptista Bonatti, de Matarello e esposa Anna Taffner e 2 filhos: Giovanni Baptista, 13 anos e Matteo, 5 anos. Titulado em 15.4.1893.	199.400	—	—
74	Giacintho Dalmonico, de Ceola e esposa Carolina Tomasini e 1 filha: Anna, de 2 anos. Titulado em 29.11.92.	198.500	—	—
80	Giovanni Dalpiaz de Terres, 25 anos, solteiro, filho de Cristofalo Dalpiaz. Transferido em 7.3.94 a Otto Spring.	205.800	—	—
82	Virgilio Appolinario Dematé, de Trento, filho de Nicolao Dematé. Transferido à esposa Anna Dematé.	115.000	99	280
85	Ambrosio Girardi, de Fornace e esposa Dorothea Cristofolini e 2 filhos: Tereza, 2 anos; e Luigia, 7 anos. Transferido a Pietro Rubini.	141.400	—	—
86	Anibale Dalpiaz, de Terres, 20 anos, filho de Cristofalo Dalpiaz. Transferido à viuva Virginia Dalpiaz em 6.4.1892.	196.200	—	—
87	Virgilio Felippi	132.600	250	660
89	Emmanoele Andreatta, de Cembra, filho de Bortolo Andreatta. Titulado em 30.9.90.	168.000	—	—
92	Pietro Felipe. Titulado em 31.8.1895	202.500	—	—
95	Giovanni Baptista Trentini e esposa Margherita Chiste.	230.134	—	—
102	Bortolo Demarchi, de Villa Verla, Vicenza e esposa Santa Fabris e 3 filhos: Sebastiano, 10 anos; Domenico, 8; Geronymo, 5 e Giacomo 1 ano.	182.100	—	—
104	Antonio Negri e esposa Madalena Giacomozzi	196.678	193	380
105	Antonio Giovanella, de Cembra, 21 anos, solt. filho de Giovanni Giovanella. Transferido em 10.10.92 ao irmão Carlo Giovanella.	189.417	—	—
107	Domenico Dallamaria. Titulado em 15.12.94	40.487	—	—
108	Giacomo Odorizzi, de Albiano, solteiro. Titulado em 10.8.92.	195.643	—	—
109	Angelo Lenzi Filho	44.967	—	—
110	Emmanoele Tecilla, de Centa, filho de Nicolao Tecilla. Titulado em 29.8.92.	98.100	—	—
111	Aleandro Lenzi, de Samone, filho de Damiano Lenzi.	60.242	—	—
112	Giovanni Giovanella, de Cembra, e esposa Tereza Fenazza e 7 filhos: Maria, 24 anos; Angela, 22; Antonio, 22; Giuseppe, 19; Tereza, 15;			

	Carlo, 14 e Giovanni Baptista, 13 anos. Transferido a Giovanni Baptista Giovanella, em 24.8.92.	176.833	—	—
114	Giuseppe Giovanella, de Cembra, filho de Giovanni Giovanella. Titulado em 25.8.92.	176.009	—	—
115	Antonio Giampicoli, de Samone e esposa Giuseppina e 1 filho: Albano, de 10 anos.	295.360	324	\$240
116	Catharina Vicenzi, de Segonzano, Trento, A. viuva de Domico Vicenzi e 4 filhos: Antonio, 9 anos; Paulo, 7; Angelo, 3 e Maria, 2 anos. Transferido a Damiano Lenzi. Titulado em 27.11.94.	174.495	—	—
121	Angelo Fattore, de Grigno e esposa Frederica Trisotto e 3 filhos: Maria Oliva, 8 anos; Rosa, 3 e Grazioza, 1 ano.	315.364	—	—
124	Domenico Tomaselli, falecido em 21.6.92, com 61 anos, de Stringno e esposa Constanza Scatone e 3 filhos: Tereza, 17 anos; Elizabetha, 15 e Angelo, 12 anos.	154.785	303	\$100
128	Elia Dallagnolo, de Grigno e esposa Adelaide Trisotto e 1 filho: Angelo.	340.479	—	—
130	Antonio Campestrini, de Torcegno e esposa	177.997	—	—
131	Giacomo de Toffol, de Levico, Bel. e esposa Vittoria Antole e filho Antonio De Tolffol, de 30 anos.	80.661	521	\$289
131A	Igreja e Cemitério. Titulado em 29.6.1891	78.841	—	—
133	Josaphat Lenzi, de Samone, filho de Damiano Lenzi. Titulado em 21.6.90.	142.615	—	—
134	Antonio Zanghelini, de Samone e esposa Maria Giampiccolo e 2 filhos: Armenio, de 18 anos e Severino, de 9 anos. Transferido ao filho Armenio.	221.846	—	—
135	Domenico Bridarolli, de Cavedine e esposa Domenica Zambaldi e 1 filho: Agostino, de 14 anos. Transferido a Luigi Mengarda. Titulado em 3.6.1890.	229.488	—	—
136	Zacaria Zanghelini, de Stringo, filho de Antonio Zanghelini e Luigia Tiso.	225.698	55	\$600
136A	Josaphat Lenzi, de Samone, filho de Damiano Lenzi.	315.000	—	—
137	Virgilio Campestrini, de Torcegno	241.542	—	—
138	Giovanni Evangelista Ropellato, de Ospedaletto, 23 anos, filho de Michel' Angelo Ropellato. Titulado em 26.11.94.	226.095	—	—
140	Giovanni Baptista Anesi, de Levis, Tr. e esposa Maddalena Giacomozzi e filho Cristofolo Bap-			

	tista Anesi, de 23 anos.	225.000	—	—
142	Septimo Bagatoli, do Tyrol e esposa Maria Berti e 1 filho: Achille, de 1 ano.	224.217	—	—
144	Francesco Bagatoli, de Cavedine e esposa Barbara Klause e 2 filhos: Maria, 7 anos e Luigi, 1 ano.	257.996	—	—
144A	Luigi Bagatoli, de Cavedine, filho de Francesco Bagatoli.	248.398	—	—
146	Udarico Cattoni, de Cavedine, filho de Angelo Cattoni. Titulado em 1.6.1891.	326.298	—	—
146A	Giovanni Demarchi, de Ledico	300.297	—	—
150	Giuseppe Gadotti, de Civezzano e esposa Madalena Palma 1 filho: Giovanni, 1 ano.	183.448	—	—
152	Giuseppe Bridarolli .Titulado em 7.2.1896	182.003	—	—
156	Paolo Dalcanale, de Borgo, Tr. Titulado em 11.4.1893.	301.098	—	—

Primeiros moradores da linha colonial
"Caminho dos Tiroleses"
(No próximo número)

Subsídios à Crônica de Blumenau

Por Frederico Kilian

COLÉGIO SANTO ANTÔNIO. Este educandário, originariamente denominado COLÉGIO DE SÃO PAULO, em Blumenau, fundado logo depois da instalação da paróquia católica nesta cidade, já mantinha uma escola primária, dirigida pelo Padre José Maria Jacobs, da ordem Jesuíta. Ao ser entregue a escola aos padres franciscanos, estes ampliaram o seu programa de ensino, com a criação de um curso secundário ou ginasial, além de uma secção dedicada ao ensino comercial e industrial, incluindo ainda um internato, conforme se constata do anúncio publicado no N.º. 35 do jornal local "Blumenauer Zeitung", que passamos a transcrever, em sua ortografia original:

COLEGIO DE S. PAULO
em Blumenau — Estado de Santa Catarina
INTERNATO ALLEMÃO-BRAZILEIRO
DO SEXO MASCULINO

Este collegio, dirigido pelos Padres Franciscanos, favorecido pela situação de seus edifícios n'um logar saluberrimo e facilmente accessivel por navegação a vapor, abrirá, em 1.º de Fevereiro de 1894, além de sua Escola do ensino primário, tambem um curso do ensino secundário, juntamente com uma Secção commercial e industrial.

O ensino primário ou elementar abrange:

Doutrina, — Língua allemã e portugueza, — Geographia, — História do Brazil, — Arithmetica, — Physica, — Historia natural.

O ensino secundario ou gymnasial, que servirá de preparatório para estudos académicos, quer no Brazil, quer na Allemanha, incluye: História sagrada, — Lingua portugueza, allemã, latina e franceza (à vontade tambem: grega, italiana e ingleza) — Arithmetica, — Algebra, — Historia universal e patria, — Geographia, — Physica e Chimica, — História natural, — Desenho.

Além disso offerece-se aos alumnos occasião de apprender a lingua internacional, o Volapuk, bem como Stenographia, hoje cada vez mais apreciada pela sociedade civilisada.

Na secção commercial e industrial ensinam-se:

Geographia e História, em relação especial ao commercio e indústria, — Direito de Administração e Commercio, — Economia politica popular, Estatística, — Rendas publicas, — Escrituração mercantil, — Calligraphia.

O ensino de canto e Gymnastica: comum para todos os alumnos.

Ensino particular: Musica instrumental, — Photographia.

Como lentes estão servindo Frades, cuja habilidade, na Allemanha, legalmente foi documentada e, alli mesmo, provada por uma pratica de alguns annos. Os mesmos constantemente mantem a necessaria vigilancia sobre cada um dos alumnos.

Os alumnos teem quatro refeições por dia, sendo a comida boa, variada, nutritiva e suficiente.

Os serviços domesticos são feitos por Irmão da Ordem.

A simples pensão annual — 360\$000, a adiantarem-se em duas prestações.

Os avisos de entrada devem ser feitos antes de 1º. de Janeiro.

Esclarecimentos mais minuciosos dará

O Diretor

Pe. Zeno Wallbroehl — O.S.F.

Vê-se, pois, que ha mais de oitenta anos, Blumenau já possuía um estabelecimento modelar e avançado, proporcionando aos blumenauenses e a muitos alunos de outras cidades, um ensino adequado que os possibilitava a ingressar nas faculdades de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e até na Europa.

Entre os alunos que se tornaram ilustres cidadãos, que na vida econômica, quer na carreira política, podemos mencionar, segundo uma relação publicada pelo Frei Ernesto Emmendoerfner O.F.M. no livro "Centenário de Blumenau" alguns deles, ou sejam: Jorge Boettger (Brusque), César Silveira, — Laudelino, Odilon e Benjamin Galotti (Tijucas), — Augusto Maluche (Brusque), — Silvestre Girardi (Frei Justino, O.F.M.) Artur, Leopoldo e Elsa Rabe; — Adolfo, Victor, Marcos e Arno Konder (Itajaí), — Otto Krieger (Brusque), Hans Lorenz, — Germano Avé Lallemand, Henrique e João Michels, — Antek Mlodzianowski (Frei Celestino), — José Navarro Lins, — Osvaldo e Gustavo Otte, — Guilherme Weege, — Julio Willderding, — Francis-

co Engelke (D. Frei Inocência, O.F.M., bispo de Campinas, Minas Gerais), — Jácomo Vicenzi (Côrego), — Hermann Weege, — Ricardo Devitz e Nicolau Alpen (sacerdotes), — Artur Von Seckendorff, Eugênio Müller, Crispim Mira; — Jacó e Paulo Moritz (Brusque), — Antônio e Francisco Ribas (Paraná) Henrique Rupp, — Francisco Alves Fagundes (Curitibanos) — Higino, Etelvino, Zulmiro e Libório Sorcini (Florianópolis); Francisco Brockes.

20 anos de “Blumenau em Cadernos”

O mês de novembro registra a passagem dos vinte anos de circulação de “Blumenau em Cadernos”.

Idéia de publicação nascida da inspiração sublime de José Ferreira da Silva, cuja vida esteve sempre devotada à causa pública e à pesquisa histórica, “Blumenau em Cadernos” tem sobrevivido ao tempo e às dificuldades interpostas em sua trajetória, por trazer, como objetivo idealizado por seu fundador, a colaboração permanente na pesquisa e na análise dos fatos históricos do passado e do presente, como contribuição ao mais completo acervo para o futuro.

A sobrevivência da publicação deve-se, por outro lado, à contribuição valiosíssima de tantas figuras exponenciais da intelectualidade catarinense, graças ao que, suas páginas têm sido sempre enriquecidas sem qualquer interrupção.

É por isso que, ao fazermos o registro dos vinte anos de fundação de “Blumenau em Cadernos”, justo é que façamos também o registro de gratidão a todos os nobres colaboradores que há tantos anos vêm prestando o brilho de sua inteligência às páginas da revista. A todos, com os agradecimentos, também fica registrado o nosso pedido para que continuem a dar essa contribuição, para a continuidade de “Blumenau em Cadernos, cuja vida sempre esteve e sempre estará alicerçada na participação dessas pessoas de sentimentos nobres, cujos nomes não vamos relacionar para que não se cometa a injustiça de omissão de um ou outro. Para essas figuras a quem “Blumenau em Cadernos” tanto deve e cujos nomes aparecem ao longo dos anos, nas edições da revista, as portas continuam abertas com um acolhimento dos mais calorosos, assim como espera-se que as novas gerações de valores intelectuais que vem surgindo em nossa cidade assim como em nosso Estado, também se entusiasmem e comecem a participar das páginas de “Blumenau em Cadernos”.

Historiar o que tem sido a trajetória da revista nesses vinte anos de circulação, achamos desnecessário porque suas páginas contidas nos dezoito Tomos, já são a história dessa existência que tem marcado com letras de ouro pontos importantes que asseguram a continuidade do enriquecimento seguido da história de Blumenau e de Santa Catarina!

O Redator

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

O BARCO NAUFRAGADO, de Holdemar Menezes

Coleção Cultura Catarinense, Série Literatura Florianópolis, 1976.

Em 1972, Holdemar Menezes publicou o seu primeiro livro de contos: "A Coleira de Peggy" (Editora Movimento, Porto Alegre). Foi um contato mais direto com o público, já acostumado a acompanhar, esporadicamente, seus contos e crônicas através da imprensa catarinense. Holdemar nasceu em Fortaleza e vive há muitos anos em Florianópolis. É médico e professor universitário. Por isso, quando publicou o livro acima referido, manifestou certo receio pela repercussão dos seus contos, como ele mesmo justificou em entrevista a um jornal: "Eles (os contos) estão cheios daquele ambiente de cais do porto — prostitutas, contrabandistas, criminosos, gente do baixo mundo. Aliás, contos que eu inicialmente relutei em publicar porque a gente numa cidade como Florianópolis, no meio médico, no meio universitário — não sei, talvez a grande parte dos meus amigos achasse que eu deveria escrever sobre temas universitários, temas do meu nível social" (Jornal "O Estado", 26.7.72, Caderno II). E sobre o livro, a Editora apregoava na última capa: "Um escritor violento, com uma linguagem ao nível do (sub) mundo e dos personagens que nele vivem. "Coleira de Peggy" é impacto, espanto — cheio de dor — ante a humanidade marginalizada".

Holdemar, depois de lançado o livro, continuou colaborando com a imprensa catarinense, principalmente com o jornal "O Estado", que vez por outra publica seus escritos.

E reunindo algumas crônicas saídas naquele jornal, teve o Governo do Estado a feliz lembrança de editar este "O Barco Naufragado", que faz parte da Coleção Cultura Catarinense, Série Literatura (Crônica).

Leitura amena, leitura que se faz com gosto, com prazer. Porque Holdemar não escreve consultando dicionários. As palavras fluem em seus contos e crônicas assim como se vive: num mundo real e feito para ser vivido por todos. E todos entendem o que ele escreve. Em "O Barco Naufragado" não se sabe bem o que é ficção e o que é realidade. Ora, têm-se a impressão de que é realmente o filho do Autor que quer ganhar um carro ("A Mudança dos Tempos", páginas 17 e 18); ora é ficção pura, como "O Tarado", páginas 19 e 20.

Suas crônicas passam a ser contos, e, às vezes, poesia até. E o catarinense se identifica perfeitamente aos fatos narrados, porque encontra nomes de pessoas conhecidas, ruas e praças da capital; coisas

do dia-a-dia, difíceis de contar. Mas que na pena de Menezes passam a ter a convivência, tão necessária, com o leitor.

Por essa facilidade de comunicação, e por saber escolher o tema dos seus contos e crônicas, Holdemar Menezes pode ser considerado como um dos mais perfeitos exemplos do escritor que realmente se identifica com o público leitor. E por isso, seus livros tendem a deixar as prateleiras das livrarias, não permitindo que a poeira assente sobre eles. A presente edição de "O Barco Naufragação" me veio às mãos por uma deferência toda especial do Prof. Theobaldo Costa Jamundá, do Conselho Estadual de Cultura, a quem agradecemos a lembrança.

HERCÍLIO LUZ, UM GOVERNADOR INCONFUNDÍVEL **de Evaldo Pauli - Conselho Estadual de Cultura — 1976**

Hercílio Luz governou Santa Catarina durante vários períodos. Seu nome, hoje perpetuado na história do nosso Estado, está, inclusive, intimamente ligado ao Município de Blumenau, pois foi nesta cidade que pela primeira vez Hercílio se viu investido nas funções de governador, cargo para o qual foi aclamado pelos republicanos blumenauenses, ao mesmo tempo em que Blumenau era declarada a capital provisória do Estado. Dias conturbados, aqueles do ano de 1893!

E de Blumenau, Hercílio Luz marchou para Desterro, hoje Florianópolis, à frente da "Guarda Cívica", ao lado de valorosos republicanos, como Vitorino de Paula Ramos, José Bonifácio da Cunha, e tantos outros, para depor, pelas armas, o governador que se insurgira contra o presidente Floriano Peixoto!

Esta interessante passagem da história catarinense, e outras, que marcaram a trajetória do brilhante político frente dos destinos do nosso Estado, estão relatadas de forma cronológica, e fartamente documentadas, no livro "Hercílio Luz, Um Governador Inconfundível", do Professor Evaldo Pauli, da Academia Catarinense de Letras. Foi o professor Pauli vencedor do concurso de monografias instituído em 1974, pelo Conselho Estadual de Cultura, cujo intuito, o de deixar para a posteridade um estudo completo sobre o Governador que tanto se destacou no final do século 19 e início deste, foi plenamente atingido. Pauli, como já dissemos, documentou com fartura sua narrativa. Esteve realizando um sério trabalho de pesquisa, compulsando jornais da época, documentos originais do arquivo da Assembléia Legislativa, livros antigos, e, também, o que a respeito escreveram vários historiadores, como Fides Deeke, em revistas, e periódicos ("Anuário Catarinense", "Blumenau em Cadernos", etc).

O Conselho Estadual de Cultura presta, assim, inestimável serviço de apoio a quem se dedique ao estudo da história dos vultos catarinenses. Mas, independente da conotação histórica, o livro enfocado revela também passagens tão interessantes da vida de Hercílio Luz, que se imaginadas por algum ficcionista, talvez não tivessem tanto de irreal quanto narram as páginas desta obra.

Boas Festas, Amigos!

Aos amigos de "Blumenau em Cadernos", que de uma ou de outra forma têm dado o apoio, o incentivo e a colaboração financeira possibilitando a que as edições continuem se sucedendo e com o que procuramos corresponder às aspirações de seu fundador, o saudoso Professor José Ferreira da Silva, aqui deixamos registrados os melhores votos para que continuem a usufruir de toda a felicidade e bem estar com que estão chegando ao final de 1977. Que tenham um Natal muito alegre, como marco inicial de uma entrada feliz e auspiciosa no ano de 1978, fatores que haverão, por certo, de conservar o entusiasmo de todos na continuidade da colaboração que tem, até aqui, emprestado a esta revista! Muito obrigado!

INDICE DO TOMO XVIII

	Página
Ainda os 17 Fundadores de Blumenau — Jean R. Rul	2
Os 80 anos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina — Jali Meirinho	4
Alfredo d'Escragnolle Taunay — Frederico Kilian	9
Genealogia (Família Wagner) — Jean R. Rul	11
A mulher operária em Joinville — Afonso Imhof	13
Colaboração de leitores — Redação	24
O Conde d'Eu em visita a Blumenau em dezembro de 1884 — Frederico Kilian	25
Peripécias de um antigo viajante — Carlos Henrique Hildebrand	28
Genealogia (Família Wagner) — Jean R. Rul	38
Documento histórico — Tradução pelo Pe. Victor Vicenzi	46
Julie Engell — Elly Herkenhoff	51
Clima regional da Ilha de Santa Catarina — A. Seixas Neto ..	57
Genealogia (Família Lucas) — Jean R. Rul	74
Titulares do Império Catarinense — Edison Mueller	81
Os Fundadores de Blumenau — José E. Finardi	88
Eterna Juventude — Nemésio Heusi	91
Ataque dos índios na Colônia de Blumenau e Bacia do Rio Itajaí — Frederico Kilian	93
Armin Zimmermann — Prof. Dr. Herbert Kloch	95
Ludwig Van Beethoven — Nestor Seára Heusi ..	97

Alguns extratos das resenhas da Câmara Municipal nos anos de 1882 — 1884 — Frederico Kilian	100
Vasculhando velhos arquivos — Frederico Kilian	102
Tradicionalismo de Natal em Rio dos Cedros — Pe. Victor Vicenzi	105
Genealogia (Família Lucas) — Jean R. Rul	110
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	116
Nossa Terra e Nossa Gente ao Tempo em que Taunay nasceu — Oswaldo R. Cabral	117
As longas peripécias do imigrante ítalo-Trentino para o Brasil — Pe. Victor Vicenzi	135
Como nascem os gênios — Nemésio Heusi	139
Genealogia (Família Lucas) — Jean R. Rul	142
Titulares do Império Catarinense — Edison Mueller	149
O Início da História Administrativa de Joinville — Waldemar Luz	155
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	157
Os primórdios da estrada Blumenau — Curitibanos — Frederico Kilian	159
O que é um Museu? Finalidade e Preconceito — Afonso Imhof	163
Uma esquecida epopéia de Franciscanos e Bandeirantes e a história de uma velha igreja — Alice Bértoli Arns	166
Fundação tem novo Conselho Curador — Redação	170
Convite à DULÁCIA — A. Ferraz	172
Genealogia (Paul Johann Kellner) — Jean R. Rul	174
Figuras do Passado — Frederico Kilian	178
Incremento de Temperatura no clima regional de Santa Catarina — A. Seixas Netto	180
"Blumenau em Cadernos" tem novo Diretor — F. C. Allende..	183
Museu: Exigência social, educacional e cultural, não elitista ...	185
História colonizadora de Joinville — Waldemar Luz	189
Homenagem á Imprensa — A. Ferraz	190
Perfil de um Líder — Pe. Victor Vicenzi	191
Meu primo Max Tavares d'Amaral — Nemésio Heusi	193
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	195
Subsídios à crônica de Blumenau — Frederico Kilian	196
A Devolução pelos Espanhois da Ilha de Santa Catarina em 1778 — Oswaldo R. Cabral	200
Colonização italiana de Acurra (Carta)	203
Rosa e o Passado — A. J. Ferraz	204
Genealogia (Os colonizadores do Vale do Itajaí) - Jean R. Rul..	206
Theobaldo Costa Jamundá visita o novo Diretor da "Casa Dr. Blumenau — Redação	212
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	213
Professor da UFSC cumprimenta — Redação	214
Novas obras no acervo da Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Muel-	

ler'' Redação	214
A Devolução pelos Espanhois da Ilha de Santa Catarina em 1778	
— Oswaldo R. Cabral	215
Museu: Exigência social, educacional e cultural não elitista ...	219
Indústria de rifas e sorteios — Frederico Kilian	220
A nossa Biblioteca está com 57 mil volumes catalogados — Redação	222
Política e Políticos de entanho — Ayres Gevaerd	223
Prefeito Renato Vianna visita a Fundação — Redação	224
Clima regional da Ilha de Santa Catarina — A. Seixas Netto ..	225
A evolução do ensino em Blumenau em 27 anos —Redação ...	227
A origem da denominação da localidade de Diamante — José Gonçalves	229
Subsídios à Crônica de Blumenau — Frederico Kilian	230
O espírito religioso da colônia italiana em Blumenau — José E. Finardi	232
O Dia do Imigrante na palavra do Prefeito de Blumenau — Redação	233
"Minha estada na Colônia Da. Francisca" — Elly Herkenhoff ..	234
A opinião dos que nos visitam — Redação	236
Genealogia (Família Schmitt) — Jean R. Rul	238
Apoio e incentivo às mais belas tradições — Redação	245
A Devolução pelos Espanhois da Ilha de Santa Catarina em 1778	
— Oswaldo R. Cabral	246
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	250
Prefeito Renato Vianna ressalta o papel da Maçonaria no Brasil — Redação	251
Primeiros habitantes de Rio dos Cedros — Pe. Victor Vicenzi ..	252
Os 120 anos da Comunidade Evangélica de Blumenau na Assenbléia do Estado (Discurso) — Álvaro Correia	254
Política e Políticos de antanho — Ayres Gevaerd ..	257
Catolicismo na Colônia Blumenau — José E. Finardi	258
Subsídios à Crônica de Blumenau — Frederico Kilian	260
A importância geometeoro-ecológica das Ilhas dos Ratonos dentro do clima regional da Ilha de Santa Catarina	
— A Seixas Netto	262
Pequena crônica da Comunidade Evangélica de Blumenau — Frederico Kilian	264
Última homenagem a um servidor exemplar (Discurso) — Renato de Mello Vianna	268
Genealogia (Os colonizadores do Vale do Itajaí) — Jean R. Rul.	270
A Devolução pelos Espanhois da Ilha de Santa Catarina em. 1778 — Oswaldo R. Cabral	275
Estante Catarinense — Carlos Braga Mueller	273
Catarinenses são Campeões Brasileiros de Tiro ao Alvo — Redação	279

A história de um bugre ofendido — José Gonçalves	280
Política e Políticos de antanho — Ayres Gevaerd ..	283
Subsídios à Crônica de Blumenau — Frederico Kilian	285
Centenário religioso em Ascurça — José E. Finardi	289
Técnicas museológicas para alunos do 2º. grau	291
A opinião dos que nos visitam — Redação	292
Clube Filatélico de Blumenau — Renato M. Schramm	294
"Mnhia estada na Colônia D ^a . Francisca" — Elly Herkenhoff ..	295
IX Simpósio da Associação Nacional de Professores Universitá- rios de História realizada em Florianópolis	297
Sr. Hercílio Deeke — Redação	300
Genealogia (Família Deschamps) — Jean R. Rul	302
A Devolução pelos Espanhois da Ilha de Santa Catarina em 1778 — Oswaldo R. Cabral	308
Homenagem póstuma a Hercílio Deeke — Discurso do Prefeito Renato Vianna	314
A Filatelia em Blumenau — Dr. Renato Mauro Schramm	317
Estante Catarinense — Carlos Braga Müller	323
Os primeiros moradores de Rodeio — José E. Finardi	324
Em três meses, 718 livros foram doados à Fundação — Redação	332
GENEALOGIA — Os Colonizadores do Vale do Itajaí — IV ..	334
"Minha estada na Colônia D ^a . Francisca"	338
Pequena crônica da Comunidade Evangélica de Blumenau ..	339
80 anos de Colonização no Vale do Rio Hercílio	343
LUIZ ALVES — Breve Histórico de um Município Centenário .	344
Curso de pós-graduação na U.F.S.C. é enriquecimento da historia de Santa Catarina	349
AGRICULTURA — (Síntese e tradução do italiano pelo Pe. Victor Vicenz) .. .	352
Dois amigos incondicionais de Blumenau na Europa, agrade- cem a remessa de "Blumenau em Caderno	356
Jean R. Rul .. .	357
Os primeiros moradores de Rio dos Cedros	358
Subsídios à Crônica de Blumenau	364
20 anos de "Blumenau em Cadernos"	366
Estante Catarinense — O Barco Naufragado,	367
Boas Festas, Amigos! .. .	369

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Contabilista Elimar Baumgarten - presidente*
Jornalista Honorato Tomelim - vice-presidente

Membros: *Jornalista Altair Carlos Pimpão - Prof. Antônio Boing Nelo -*
Comerciante Arno Letzow - Advogado Beno Frederico Weiers -
Repres. Comercial Heinz Hartmann - Prof. Nelo Osti - Prof.
Olívio Pedron - Repres. Comercial Otto Laczynski e Industrial Rolf Ehlke

Diretor Executivo: *Escritor José Gonçalves*

A CADA ESTAÇÃO, UM NOVO SUCESSO.



As malhas Hering, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão.

Afastam o tédio e a tristeza nos dias outonais.

De puro algodão com fio penteado, aquecem carinhosamente no inverno.

Como a primavera, são coloridas e alegres.

Passa o ano todo com MALHAS HERING.

Scriba

 malhas
Hering